

CAPÍTULO 25

Mt 25,1-13

As dez jovens : salvação ou condenação

(cf. Lc 12,35-40)

⁽¹⁾ Quando o juiz estiver chegando, acontecerá aqui no reino de Deus implantado na terra, como aconteceu a dez moças escolhidas por ocasião dum casamento para acompanhar a noiva quando o noivo viesse buscá-la. As dez jovens tomaram suas lamparinas e foram à casa da noiva à espera do noivo. ⁽²⁾ Cinco delas eram descuidadas, e as outras cinco, previdentes. ⁽³⁾ As descuidadas tomaram suas lamparinas sem levar óleo de reserva. ⁽⁴⁾ As previdentes levaram um frasco de óleo junto com as lamparinas, já bem fornecidas. ⁽⁵⁾ Ora, como o noivo tardou para chegar, todas acabaram cochilando e dormindo. ⁽⁶⁾ No meio da noite, ouviu-se um grito: - "O noivo está chegando. Vão acolhê-lo!" ⁽⁷⁾ Então todas despertaram e prepararam suas lamparinas. ⁽⁸⁾ As descuidadas, tomando consciência muito tarde de que lhes faltava óleo, pediram às previdentes: - "Dêem-nos um pouco de óleo, porque nossas lamparinas estão se apagando". ⁽⁹⁾ - "De modo nenhum (responderam as previdentes), porque o óleo não bastaria para nós e vocês. É melhor irem comprá-lo dos vendedores". ⁽¹⁰⁾ Enquanto elas saíram à procura do óleo, chegou o noivo com seus pajens e conduziu a noiva com seu cortejo para o salão do festim. As jovens que estavam preparadas entraram com ele para o banquete festivo. E a porta se fechou, sinal de que não era mais permitido entrar a quem fora estranho ao cortejo nupcial. ⁽¹¹⁾ Já esgotado o tempo útil, chegaram também as outras jovens e clamaram lá de fora: - "Senhor! Senhor! Abra-nos a porta!" ⁽¹²⁾ Mas ele respondeu: - "Sinceramente lhes afirmo: não as conheço!" (cf. 7,22-23). ⁽¹³⁾ Portanto, vigiem atentos, porque ninguém sabe o dia e a hora da chamada.

Questionário

Como acontecia o casamento?

Era uma cerimônia sem pompa realizada pelos pais dos nubentes, mas com efeito jurídico, isto é, já eram marido e esposa, mas sem efeito social, porque cada nubente continuava na casa dos pais, durante o período aproximado de um ano, até o marido ter a casa pronta. O dia das núpcias, em que começavam a viver juntos, era solene de acordo com as posses. A esposa com um grupo de amigas, depois do sol posto, esperava em sua casa o marido, que também vinha acompanhado de pajens. À sua chegada, as jovens saíam-lhe ao encontro com lamparinas ou tochas acesas, e o cortejo todo, ao som de instrumentos e cânticos, dirigia-se para a sala do festim. A sogra punha na cabeça do moço uma coroa; traziam-lhe a noiva, fechavam definitivamente a porta e começava o banquete com homens separados das mulheres.

Aplique a parábola à vida humana.

O esposo é Cristo, que celebra as núpcias (= uma aliança eterna) com seus seguidores no cristianismo, na Igreja. As dez jovens representam a universalidade dos cristãos. As lâmpadas simbolizam a fé. O óleo é o amor a Deus traduzido nas boas obras em favor do próximo. A espera na casa da noiva é o tempo da vida presente. O cochilo imprevidente é a despreocupação pela outra vida. A chegada do esposo é a hora imprevista da morte. O grito é a chamada de todos ao julgamento, antes particular, depois geral. O óleo que as imprevidentes não ganharam das companheiras significa que, na passagem desta vida para a outra, cada qual levará apenas a luz de sua fé e o óleo de suas boas obras, sem possibilidade de apropriar-se do bem omitido. A porta fechada é a separação de bons e maus na outra vida. O festim nupcial é a felicidade do céu (cf. Ap 19,9).

Lições de vida

Esta parábola é uma alegoria da união de Cristo com seus seguidores, que vivem juntos e se parecem. Mas os que vivem a sua fé são trigo; os outros que só salvam as aparências porque não vivem o que crêem, são joio: faltam-lhes as boas obras, não amam o Senhor, o que vale dizer, são desconhecidos do cortejo do Cordeiro e acabam fora da porta. A incerteza do momento final é estímulo para andarmos sempre na intimidade de Deus. O óleo das boas obras é um bem estritamente pessoal. Se não as tenho na vida, não as comprarei na morte.

Oração

Ensina-me, Senhor, a viver sempre pronto para uma longa demora como para uma vinda súbita da última hora. Que eu veja, Senhor, que a prática do bem neste mundo só me faz crescer, só me traz felicidade, só dá sentido à vida, e que a casa da minha eternidade é construída só com o material do bem que pratico agora. Amém.

Mt 25,14-30
Os talentos
(cf. Lc 19,12-27)

⁽¹⁴⁾ De fato, a vinda do juiz supremo será como um homem que, estando para empreender longa viagem, chamou seus servos e lhes confiou a administração de seus próprios bens de fortuna, desigualmente. ⁽¹⁵⁾ A um entregou a enorme importância de 5 talentos de prata, correspondendo cada talento a 6 mil dracmas ou denários, isto é, o valor de 6 mil dias de trabalho comum; a outro, 2 talentos; e a um terceiro, apenas um talento. A cada um segundo as suas capacidades. Depois partiu. ⁽¹⁶⁾ Sem demora, aquele que recebeu 5 talentos empenhou-se em fazê-los render e lucrou outros cinco. ⁽¹⁷⁾ Da mesma, forma, aquele que recebeu 2, lucrou outros dois. ⁽¹⁸⁾ Mas aquele que recebeu um só, preguiçoso e indolente, em vez de utilizá-lo, abriu um buraco no chão e escondeu aí o dinheiro do seu senhor. ⁽¹⁹⁾

Depois de muito tempo concedido para negociarem, voltou o patrão daqueles servos e ajustou contas com eles. ⁽²⁰⁾ Quem havia recebido 5 talentos adiantou-se contente e apresentou mais 5, dizendo: - "O senhor me confiou 5 talentos; aqui estão outros 5 que consegui com meu trabalho". ⁽²¹⁾ Respondeu-lhe seu senhor: - "Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel na pequena parte que lhe confiei dos meus bens; vou agora recompensá-lo, constituindo-o sobre muito mais: vem partilhar da felicidade eterna do seu senhor!" ⁽²²⁾ Veio também alegre o que havia recebido 2 talentos e disse: - "O senhor me confiou 2 dos seus talentos, aqui estão outros dois que lucrei com meu trabalho". ⁽²³⁾ Disse-lhe o senhor como ao primeiro: - "Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel na pequena parte que lhe confiei dos meus bens, vou agora recompensá-lo constituindo-o sobre muito mais: vem partilhar da felicidade eterna do seu senhor!" ⁽²⁴⁾ Chegou por sua vez aquele que havia recebido um só talento. Tem consciência do não cumprimento do seu dever. Tenta desculpar sua imperdoável omissão, acusando o senhor de excessiva austeridade como quem quer enriquecer à custa dos servos. E disse: - "Eu sabia que o senhor é um homem rigoroso porque colhe onde não semeou, e recolhe o trigo sem o trabalho de espalhar primeiro as espigas no terreiro e batê-las para a debulha; ⁽²⁵⁾ amedrontado, fui esconder na terra o talento que me confiou. Aqui está o que pertence ao senhor". ⁽²⁶⁾ Contrariado, respondeu-lhe seu senhor: - "Servo mau e preguiçoso (cf. Lc 13,6; Mt 20,6)! Você achava que colho onde não semeei porque dou a outro as condições de semear por mim; achava que recolho onde não espalhei as espigas porque dou a outro as condições de espalhá-las! ⁽²⁷⁾ Por isso mesmo, você devia ao menos confiar meu dinheiro aos banqueiros, o que não custa esforço, e, no meu retorno, eu ao menos recuperaria com juros o que é meu!" Em seguida, o patrão ordenou: ⁽²⁸⁾ Tirem-lhe o talento que recebeu e dêem-no ao que tem 10, para que o faça render cem por cento. ⁽²⁹⁾ Porque, a toda pessoa que tem em grande conta os dons de Deus e os faz frutificar dobrando-lhes o valor, serão dados outros dons pela inesgotável prodigalidade de Deus, e ele terá em maior abundância. Mas aquele que não tem porque não utilizou os dons que recebeu de graça, perderá mesmo o que tem. ⁽³⁰⁾ Quanto a este servo imprestável, que menosprezou meu capital, lancem-no nas trevas fora de minha casa. Lá haverá o choro do remorso tardio e o ranger de dentes no sofrimento".

Questionário

15a - *Que significa talento?*

Variando de acordo com os lugares, o talento correspondia a uma média de 25 a 34 quilos de ouro, ou, mais comumente, de prata. Em sentido espiritual como nesta parábola, é o potencial que recebemos gratuitamente para a construção de nossa parte no Reino de Deus no mundo. Cada um de nós recebe determinada porção de qualidades físicas, intelectuais, volitivas, morais, sociais, artísticas, administrativas, industriais, para o bem comum e glorificação de Deus. Como são dons confiados pelo senhor deles, devemos prestar-lhe contas do uso que fizemos. O talento de prata equivalia a 6 mil dracmas ou denários, valor de 6 mil dias de trabalho comum.

15b - *Deus não é injusto por não dar iguais dotes a todos nós?*

Ninguém tem direito a nada. Tudo é gratuito. Devemos saber agradecer o que recebemos, porque é imerecido.

21-23a - *Deus não é injusto por dar o mesmo prêmio ao dos 10 talentos como ao dos quatro?*

Aí está a verdadeira justiça desconhecida pelos homens. Entre nós, quem rende mais ganha mais. Mas Deus vê diferente. Para o dos 2 talentos lucrar outros 2, custou tanto quanto para o dos 5 lucrar outros 5. Ambos dobraram o valor recebido; ambos fizeram o máximo que podiam; ambos produziram cem por cento. Nisto se igualaram e receberão igual recompensa. Se o do único talento tivesse dobrado para 2, receberia recompensa igual aos dois primeiros. Justiça de Deus, que é Pai.

23b - *Que recompensa é essa de "alegrar-se" ou "entrar no gozo do Senhor?"*

É a felicidade eterna do céu com a visão, o gozo e posse de Deus para sempre. Felicidade substancialmente igual para todos que se salvam, mas divergindo nos graus de intensidade, de acordo com a maior ou menor correspondência às graças recebidas, de acordo com a maior ou menor prática das virtudes, de acordo com o maior ou menor grau de santidade pessoal. Um cristão ardoroso estará no céu ao lado de um medíocre, mas o primeiro viverá muito mais intensamente a felicidade do que o segundo.

28-29 - *"Dêem o talento àquele que já tem 10", não é injustiça? Não deveria ser dado a quem tem menos?*

Longe de ser injustiça, é algo de consolador. Mostra a mão de Deus ajudando a melhorar a vida de quem corresponde com os dons recebidos. Quem tem porque fez tudo o que estava ao seu alcance, receberá mais para que aumente seus bens. Quem não tem nada de próprio porque não utilizou como devia as aptidões recebidas, ficará privado até do que lhe foi confiado gratuitamente.

Lições de vida

"Fiel no pouco... poder sobre muito" mostra que o prêmio pelas nossas boas obras será desproporcionalmente superior ao que merecemos (cf. Rm 8,18).

Somos apenas administradores de nossa vida. O bom administrador é sempre fiel ao seu senhor. As capacidades que recebemos não nos foram confiadas para ser guardadas, e sim multiplicadas. Cada qualidade é uma tarefa. De quem mais recebe mais se exigirá.

Mau não é só quem pratica o mal, mas também quem deixa de praticar o bem que está ao seu alcance.

Oração

**Senhor, ponho em oração o conselho do apóstolo Pedro:
"Como bons administradores da multiforme graça de Deus,
cada um coloque à disposição dos outros o dom que
recebeu. Se alguém tem o dom de falar, proceda como com**

Palavras de Deus. Se alguém tem o dom do serviço, exerça-o como capacidade proporcionada por Deus, a fim de que, em todas as coisas, Deus seja glorificado, em virtude de Jesus Cristo" (cf. 1 Pd 4,10-11). Amém.

Mt 25,31-46
Juízo final. Pecado de omissão

⁽³¹⁾ Jesus terminou falando não em parábolas mas claramente e com solene dramaticidade: - "Quando, no fim dos tempos, o Filho do Homem vier em sua glória (cf. 16,27) acompanhado de todos os anjos, então se assentará como um rei no seu trono com plenos poderes de juiz supremo e universal. ⁽³²⁾ Diante dele, depois da ressurreição final, estarão reunidos todos os homens de todos os tempos. Bons e maus, que viveram juntos no meu Reino na terra (cf. 13,24-30), serão separados uns dos outros, como o pastor separa dos bodes as ovelhas. ⁽³³⁾ Estas, que em vida ouviram a voz do Pastor, ele as porá à sua direita, o lado benéfico; e os rebeldes bodes, estéreis de boas obras, à sua esquerda, o lado maléfico. ⁽³⁴⁾ Então o rei dirá aos que estiverem à sua direita: -"Venham, benditos do meu Pai, recebam a posse do Reino dele, do qual como herança minha (cf. 21,38) os faço participar na qualidade de irmãos meus (cf. 12,50) e que lhes está preparado desde a criação do universo. ⁽³⁵⁾ Porque vocês praticaram para comigo as obras de misericórdia (cf. 16,27): eu tive fome e vocês me deram de comer; tive sede e me deram de beber; eu era um desabrigado, e me acolheram; ⁽³⁶⁾ estava maltrapilho e me vestiram; doente, e cuidaram de mim; estive na prisão, e vieram a mim". ⁽³⁷⁾ Então os justos, admirados da desproporção entre o bem que praticaram e o extraordinário prêmio oferecido, perguntarão ao Senhor: - "Senhor, quando é que o vimos com fome e lhe demos de comer, ou com sede e lhe demos de beber? ⁽³⁸⁾ Quando nos sucedeu vê-lo desabrigado e o acolhemos, maltrapilho e o vestimos? ⁽³⁹⁾ Quando o vimos doente ou na prisão e fomos acudi-lo?" ⁽⁴⁰⁾ E o rei lhes responderá: "Em verdade lhes declaro: todas as vezes que vocês fizeram isto a qualquer ser humano, por pequeno que seja, mas que é meu irmão, foi a mim que o fizeram!" (cf. 10,40; 18,5) ⁽⁴¹⁾ Então pronunciará também a sentença para os que estiverem à sua esquerda: - "Afastem-se longe de mim, homens engolfados voluntariamente no mal e que não quiseram ser remidos por mim, vão para o fogo eterno, que foi destinado não para vocês, mas para o demônio e os anjos que o seguiram. ⁽⁴²⁾ Porque eu tive fome e vocês não me deram de comer; tive sede e vocês não me deram de beber; ⁽⁴³⁾ estive desabrigado e vocês não me acolheram; maltrapilho, e vocês não me vestiram; doente e na prisão, e vocês não me visitaram". ⁽⁴⁴⁾ Então eles também perguntarão: -"Senhor, quando é que o vimos com fome ou com sede, desabrigado ou nu, doente ou na prisão, e não o assistimos?" ⁽⁴⁵⁾ E ele lhes responderá: - "Em verdade lhes digo: cada vez que nada disto fizeram a qualquer ser humano, por menor que seja, foi a mim que vocês o negaram!" ⁽⁴⁶⁾ E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna!"

Questionário

32-33 - *Aqui se fala dos bons que seguiram Cristo, e dos maus que não o aceitaram. O que você diz dos que não tiveram chance de conhecer o Evangelho?*

No juízo final, estarão presentes todos os homens de todos os tempos, Os que não tiveram como ouvir a pregação do Evangelho serão julgados pela lei da própria consciência e do coração, conforme Mt 15,19 e Mc 7,21. A semente da misericórdia está plantada em todo coração humano. Quem a põe em prática, já vive em Deus e Deus nele (cf. 1Jo 4,16). Quem não a segue, torna-se culpado.

41 e 46 - *Existe o inferno?*

As palavras "fogo eterno" e "suplício etemo" não deixam dúvida sobre a existência do inferno, que essencialmente é ausência total de Deus na pessoa que durante a vida lhe voltou as costas. Só depende de opção pessoal e não de predestinação cega, porque "foi preparado para o demônio e seus anjos seguidores" e não para o homem cujo destino é o céu, "preparado para nós desde a criação do universo". O céu é dom que Jesus nos fez merecer pela sua paixão e morte e ao qual fazemos jus mediante a fé manifestada através de obras de misericórdia (cf. Jó 34,11; Sl 28 (27), 4; Pv 24, 12; Ed 12,14; Mt 16,27; Tg 2,14; 1Pd 1,17; Ap 22,12). O inferno é auto-exclusão definitiva da comunhão com Deus; é a angústia nascida do egoísmo que não se abre mais e que encarcera a pessoa dentro de si mesma, por ter-se negado a abrir-se para os outros. A condenação é consequência de não haver amor em sua vida. "Afastem-se de mim" indica a pena de dano; e "fogo eterno", a pena dos sentidos (cf. Lc 16,23 e 25).

Lições de vida

Seremos julgados na base do nosso amor ao próximo. Jesus está presente de maneira invisível em toda pessoa que passa por mim. O cristão bem formado não presta favores apenas por sentimento humano ou por filantropia, muito menos para ser bem visto ou visando retomo. O amor puro faz ver Jesus no outro, porque, mesmo pagão, ele é imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26). Eu sou o próximo de todos que cruzam meu caminho. O que faço a um necessitado é serviço prestado ao irmão mais velho, Jesus Cristo. A mais elevada fé se concretiza quando nos curvamos numa obra de misericórdia das mais simples. Fora isto, a fé é vazia (cf. Tg 2,17). Amar a Jesus e amar o homem não são duas coisas diferentes, mas uma e mesma coisa. No dia do juízo não há recuperação do bem omitido em vida. Vale a pena ser bom.

Oração

Senhor, a minha liberdade tem o poder de fazer opções para sempre. Optei amá-lo de todo o coração, com todo o meu entendimento e com todas as minhas forças, para começar desde esta vida uma união definitiva com Deus. Peço me ajude a tornar esta minha decisão firme, sólida e constante, e que nada no mundo possa abalar minha vontade de amá-lo em cada pessoa que encontro. Amém.

CAPÍTULO 26

Mt 26,1-5

Conspiração contra Jesus

(cf. Mc 14,1-2; Lc 22,1-2; Jo 11,47-49.53)

(1) Depois do sol posto da terça-feira, portanto início da quarta, quando Jesus terminou este seu último discurso com todas essas instruções, mostrando que a morte de cruz não seria uma surpresa, mas ele a assumiria conscientemente como senhor de seus atos e em sentido pascal, fez a seus discípulos este quarto prenúncio de sua morte: (2) - "Vocês sabem que daqui a dois dias será a festa por excelência da Páscoa (cf. Ex 12): o Filho do Homem vai ser entregue a seus inimigos para ser crucificado" (cf. Is 53,12). (3) Então os sumos sacerdotes e os anciãos representantes do povo reuniram-se em sessão extraordinária do Sinédrio, não na sala oficial das reuniões, a fim de manter segredo, mas no átrio do palácio de José Caifás, chefe supremo do sacerdócio judeu do ano 18 a 36 da nossa era. (4) Já em sessão anterior haviam deliberado matar Jesus (cf. 12,14; Mc 11,18; Jo 11,53). No complô de agora planejaram a maneira prática de o prenderem à traição e de o levarem rapidamente à morte (cf. Sl 31 (30), 14), fora das solenidades pascais, que começariam na sexta-feira às 15 horas. (5) Portanto combinaram: -"Não durante os oito dias da solenidade pascal, para evitar um eventual tumulto entre o numeroso povo que virá de todas as partes, principalmente os galileus, seus conterrâneos, que o têm como o Messias".

Questionário

2a - Que significa o termo Páscoa?

Páscoa é "passagem", entende-se do anjo que poupou da morte os primogênitos israelitas. Era a principal solenidade, celebrada de 14 a 22 do primeiro mês, denominado Nisan (março-abril; cf. Ex 12,1-20), em memória da libertação da escravidão do Egito. Começava à tarde do dia 14 com o sacrifício do cordeiro e, depois do sol posto, a sua manducação, já portanto em sábado.

2b - Só Mt faz este quarto prenúncio da paixão e morte. Onde se encontram em Mt os outros três?

16,21; 17,22-23; 20,17-19.

3 - Quem eram os sumos sacerdotes?

Eram os que já haviam exercido o cargo de sumo ou grão-sacerdote no Templo de Jerusalém. O sumo sacerdote em exercício era a pessoa mais importante da comunidade judaica, chefe do culto e presidente do Sinédrio, com parte ativa na direção da nação. S. Agostinho diz (cf. Epístola 36) que os cristãos jejuavam na quarta-feira em memória desta condenação de Jesus pelo Sinédrio e da traição de Judas acertada nesse dia.

4 - Há como explicar a pertinaz aversão dos chefes a Jesus?

1) Colocavam a salvação (justificação) da pessoa em práticas exteriores, como oferecer sacrifícios de animais, não comer sem lavar as mãos, não tocar em cadáver ou em túmulo... Uma perfeição legalista. Ao contrário, para Jesus a santidade está no interior: retidão da mente, pureza de coração (cf. Mt 15,8; 6,22s; 5,22-28; 23,25s...), amar até à renúncia de si mesmo em bem dos outros (cf. Mt 10,37-39; 16,24; Jo 12,25...).

2) Cultivavam o monoteísmo de um só Deus numa só pessoa. Jesus revelou o monoteísmo de um só Deus em três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo.

3) O conceito do Messias, rei terreno, nacional e político. Jesus, de condição humilde, deixou claro que seu reino não é deste mundo; é reino do amor, da verdade, reino espiritual e universal (cf. Mt 8,11; Lc 13,29; Mc 16,15) para libertação do pecado (cf. Mt 1,21; Lc 4,19; Mc 10,45; Mt 26,28). Seu único inimigo é o demônio (cf. Lc 4,34; 11,14s; Mt 13,3; Lc 8,12), a ser vencido não com armas, mas com a oração e o jejum (cf. Mt 26,54; 17,21; Lc 22,52s); começa na terra e será consumado na vida eterna (cf. Mt 22,30).

4) Para os judeus, Deus e a Aliança com Ele eram privilégio exclusivo dos descendentes de Abraão. Jesus mostra que Deus é Pai de todas as nações e quer uma Nova Aliança extensiva a todos os povos.

5) Para os chefes judeus, Moisés era o legado de Deus e eles, seus discípulos fidelíssimos (cf. Jo 9,29). E Jesus, que não havia freqüentado a escola deles (cf. Jo 7,15), ensinava por própria conta coisas novas, fazia-se igual a Deus, violava o sábado e as tradições; portanto, não podia ser o Messias.

6) A popularidade de Jesus excitou-lhes o ciúme e a inveja. E quando Jesus começou a vergastar seus vícios, a inveja gerou o ódio. Passaram a vê-lo como um pecador (cf. Jo 9,24), um endemoninhado (cf. Jo 7,20; 8,48; 10,20; Mc 3,22), amigo dos pecadores (cf. Mt 9,11s), um samaritano, (cf. Jo 8,48) e a se endurecer com seus milagres (cf. Jo 11,46s). Quanto mais viam milagres, mais cegos se tornavam (cf. Jo 8; 59; 10,31; 15,22. 24). Levaram parte do povo a voltar-se contra Jesus (cf. Mt 27,20). O Sinédrio todo (71 membros) o odiava de morte, menos dois homens: José de Arimatéia e Nicodemos (cf. Jo, 3,1; 7,50; 19,38-39).

Lições de vida

Não o povo judeu nem tanto os escribas e fariseus, mas somente seus chefes condenaram Jesus. A Paixão e Morte de Jesus são o ponto culminante da sua vida humana e da Redenção, porque constituem o máximo sacrifício que ele ofereceu ao Pai como satisfação pelo pecado do mundo afastado de Deus. Sacrifício que revela a enormidade do pecado e o infinito amor do Redentor.

Na sua maior festa nacional, os judeus imolavam um cordeiro, com cujo sangue, como na primeira páscoa do Egito, aspergiam os umbrais de suas portas. Por este sangue, figura do de Jesus, a morte naquele dia não entrou nas famílias deles. Na Nova Páscoa, o sangue do verdadeiro Cordeiro que tira o pecado do mundo, nos livra da morte eterna!

Oração

Senhor Jesus, o sangue do cordeiro pascal poupou da morte os filhos dos israelitas. Pelo batismo cada um de nós é marcado com o sinal da fé, que é a aplicação dos méritos do sangue que o Senhor derramou por nós na cruz e que nos livra da morte eterna, do afastamento de Deus em que tínhamos caído e do qual nunca poderíamos voltar por nós mesmos. Foi por isso que o Senhor aceitou morrer em meu lugar. Esse amor é tão grande que me confunde. Infinitamente obrigado, Senhor. Amém.

Mt 26,6-13

Unção em Betânia

(cf. Mc 14,3-9; Jo 12,1-8)

⁽⁶⁾ No sábado anterior a estes eventos, dia 9 de Nisan (entre março e abril), Jesus se achava em Betânia, a 3 quilômetros de Jerusalém, na casa de Simão, apelidado "o leproso" mesmo depois de curado. ⁽⁷⁾ Enquanto estava reclinado à mesa, chegou-se a ele Maria, irmã de Marta e de Lázaro (cf. Jo 12,3), com um frasco de alabastro cheio de nardo, unguento perfumado de alto preço. Para professar que Jesus era digno das maiores homenagens, ela o derramou sobre a cabeça e os pés (cf. Jo 12,3) de Jesus, como costumavam fazer com os reis e quando desejavam homenagear um hóspede de grande consideração (cf. 1Sm 10,1). ⁽⁸⁾ À vista disso, alguns discípulos indignaram-se e manifestaram a sua desaprovação, encabeçados por Judas Iscariotes, que disse: - "A troco de quê esse desperdício?" ⁽⁹⁾ Poderia ter sido vendido bem caro e a importância ser dada aos pobres". ⁽¹⁰⁾ Mas Jesus, atingido também pela queixa, tomou a defesa da mulher que, com essa unção, confessou-o publicamente digno das maiores honras, e respondeu-lhes: - "Por que molestar esta mulher? O que ela acaba de praticar comigo é uma boa obra. ⁽¹¹⁾ Pobres, inevitavelmente, vocês sempre os terão ao seu lado; mas a mim não terão mais tempo de testemunhar amor durante a vida terrena, porque minha morte é iminente. ⁽¹²⁾ Ao derramar este unguento perfumado sobre meu corpo, ela fez um gesto profético antecipando a embalsamação para o meu sepultamento, já uma honra fúnebre que não terá como prestá-la na minha morte. ⁽¹³⁾ Digo-lhes com toda certeza: em qualquer parte do mundo onde for pregado o Evangelho, também este seu gesto de nobre dedicação será dado a conhecer em seu louvor".

Mt 26,14-16

Traição por dinheiro

(cf. Mc 14,10-11; Lc 22,3-6; Jo 13,21-30)

⁽¹⁴⁾ Na quarta-feira, um dos doze apóstolos, chamado Judas Iscariotes, seduzido pelo apego ao dinheiro e decepcionado por não ver Jesus instituir o reino terreno

dos judeus, foi ter com os sumos sacerdotes ⁽¹⁵⁾ propondo:- "Quanto me pagam? e eu o entregarei facilmente!" Eles lhe fixaram 30 moedas de prata, 30 denários, preço da compra de um escravo (cf. Ex 21,32; Zc 11,12). ⁽¹⁶⁾ Daquela hora em diante, ele procurava uma oportunidade para entregá-lo às mãos deles traiçoeiramente.

Questionário

7a - *Essa mulher é a mesma de Lc 7,36-50?*

O fato é bem semelhante, mas a mulher não é a mesma, Em Mt, trata-se de Maria, irmã de Marta e de Lázaro, conforme Jo 12,3. Em Lc é uma cena com sentido de conversão e perdão.

7b - *Quanto custava esse perfume?*

"Mais de 300 moedas de prata" (cf. Jo 12,5), ou seja, 300 denários, salário mínimo de um ano de trabalho.

8 - *Quem disse essas palavras por todos?*

Foi Judas Iscariotes (cf. Jo 12,4).

15a - *Antes de Jesus, outra pessoa foi vendida pelos irmãos. Quem?*

José do Egito, figura profética de Jesus, foi vendido por 20 siclos de prata (cf. Gn 37,28). Um siclo valia 4 denários, 4 dias de trabalho; 30 siclos era o preço de um escravo.

15b - *Haviam deliberado matar Jesus após as solenidades pascais (cf. 26,5). Como é que o executaram antes da festa?*

A oferta de Judas os animou a mudar de idéia: não podiam perder tão propícia oportunidade.

Lições de vida

O gesto cheio de amor e desprendimento de Maria ensina-nos a ser magnânimos no culto de Deus. O que se gasta para embelezar o cerimonial litúrgico é expressão de amor ao Senhor do mundo e dos homens. Seria lamentável se o empenho pelos pobres empobrecesse o brilho do culto a Deus.

A traição de um amigo se torna mais abominável quando movida por dinheiro, como neste caso de um íntimo de Jesus. Motivo baixo. Preço vil para vender o maior homem do mundo como se fosse um escravo. Para Judas, o dinheiro é o valor supremo, que Maria desvaloriza. Mas o traidor desvalorizou o amor. Não é fácil entender o processo psicológico que levou um apóstolo a tão ignóbil mercado. É verdade que sua amizade era falsa, num coração frio com mente calculista. João (12,6) o chama de ladrão, porque roubava dos companheiros e de Jesus. A razão mestra da traição reside na desilusão de não ver Jesus instalar o reino messiânico-político no qual os discípulos gozariam de privilégios e posições rendosas. Seguiu Jesus por interesse, visando vantagens pessoais. "O pecado retira Deus do lugar central que lhe é devido na história dos homens e na história pessoal de cada homem" (João Paulo II).

Oração

Jesus, quero louvá-lo pelo culto silencioso dessa mulher que ungiu o senhor com o mais caro perfume, demonstrando que para ela o senhor se tornou o valor supremo. Lamento, Senhor, a degradante atitude de Judas. Lamento as vezes em que imitei Judas, tomando atitudes que não deixam de ser traições do amor que o senhor me tem. Perdão, Senhor. Que eu seja mais fiel em honrar o nome de cristão, consagrado desde o batismo àquele que é o valor supremo da vida. Amém.

Mt 26,17-25

Última Ceia

(cf. Mc 14,12-21; Lc 22,7-13.21-23)

⁽¹⁷⁾ No dia 13 de Nisan, começo das celebrações pascais também chamadas "dias dos (pães) ázimos" (cf. Ex 12,8-15), porque então se comiam pães sem fermento, os discípulos vieram dizer a Jesus: - "Já que em Jerusalém amam ciladas contra o senhor, achamos ser um risco celebrar a Páscoa aí. Então, onde o senhor quer que preparemos o necessário para comermos o cordeiro pascal?" ⁽¹⁸⁾ Para evitar que Judas soubesse o lugar de antemão, Jesus respondeu sem citar nomes: - "Entrem em Jerusalém, sim; vão à casa de certo amigo nosso e digam-lhe: 'O Mestre manda dizer: o tempo da minha imolação está próximo: vou celebrar a Ceia Pascal em sua casa com meus discípulos'". ⁽¹⁹⁾ Pedro e João (cf. Lc 22,8) fizeram tudo como Jesus lhes ordenara: no átrio do Templo mataram o cordeiro, que devia ser macho, sem defeito, não ter menos de oito dias nem mais de um ano; não lhe quebraram osso algum; assaram-no. No dia seguinte, quinta-feira, tudo estava pronto segundo as prescrições da Lei, com água para a purificação ritual, pães ázimos, o molho de frutas com vinagre, cinco ervas amargas, vinho tinto e lanternas ou tochas para a noite. ⁽²⁰⁾ A 14 de Nisan, véspera do início da páscoa judaica, posto o sol depois das 18 horas, reuniram-se na sala do festim e estenderam-se sobre o lado esquerdo nos divãs, deixando livre a mão direita. Jesus ocupou o lugar central, com João à sua direita. Segurando a taça de vinho misturado com um pouco de água, Jesus disse: - "Bendito seja o Senhor, que criou o fruto da videira". Tomou um gole e fez com que todos tomassem da mesma taça, sinal de fraternidade. Na bacia de água, todos fizeram a ablução das mãos. Sobre a mesa sem talheres, considerada um altar, se achavam o cordeiro assado e os pães ázimos, lembrando o pão que os hebreus não tiveram tempo de fazer fermentar na fuga do Egito, uma taça com vinagre ou água salgada, lembrando as lágrimas derramadas no Egito, um molho grosso, o *karoseth* da cor de tijolo, feito de frutas cozidas no vinho, recordando os tijolos fabricados em trabalho forçado no Egito, e, finalmente, ervas amargas em memória da amargura da escravidão. Todos provaram dessas iguarias. Jesus disse então: - "Bendito seja o Senhor que criou os frutos da terra" - fez a intinção de um pouco de erva amarga no

karoseth e acrescentou: - "Nós comemos destas ervas amargas porque os egípcios encheram de amargura os nossos avós". Todos comeram um pouco de erva amarga. Como chefe da mesa, Jesus explicou o sentido simbólico da ceia, que é comemorar a libertação da servidão do Egito e o sentido daqueles alimentos. Entoou a primeira parte do hino Hallel: os salmos 112-113. Pela segunda vez, tomaram vinho da taça comum e novamente purificaram as mãos. Agora começa a ceia propriamente dita. Jesus benze o pão, parte-o, envolve um pedacinho dele com ervas amargas, molha-o no *karoseth* e come. Faz o mesmo com o cordeiro, que distribui aos convivas com pão molhado no *karoseth*.⁽²¹⁾ Enquanto todos comiam, faz um anúncio terrível: - "Preciso revelar que um de vocês vai trair-me!"⁽²²⁾ Todos ficaram profundamente aflitos. E cada um, temendo vir a ser vítima de alguma paixão desregrada, começou a perguntar-lhe com ansiedade: - "Acaso sou eu, Senhor!?"⁽²³⁾ Sem dizer nomes, ele respondeu, pondo em relevo a gravidade do delito: - "Um que pôs comigo a mão na travessa (cf. Sl 41 (40), 10), sinal de familiaridade, um comensal é que vai entregar-me."⁽²⁴⁾ Certamente o Filho do Homem vai morrer, conforme está escrito a seu respeito (cf. Is 53,7; Sl 41,10). Mas infeliz daquele que se fez instrumento de traição para o Filho do Homem! Antes de cometer tamanho crime, seria melhor esse homem não ter nascido".⁽²⁵⁾ Então Judas, que o entregava, com cinismo perguntou: - "Seria eu, Mestre?" Não o chamou Senhor como os outros apóstolos, mas Mestre, como o chamavam os rabinos. E Jesus respondeu baixinho, só para ele: - "É você mesmo!".

Mt 26,26-30

Eucaristia, Páscoa cristã e sacramento da Paixão

(cf. Mc 14,22-25; Lc 22,14-20; 1 Cor 11,23-25)

⁽²⁶⁾ Neste momento da refeição, Jesus tomou um pão ázimo, rezou a bênção: - "Bendito sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que da terra fazes brotar o pão", partiu-o em pedaços e os deu aos discípulos, pronunciando a consagração: - "Tomem e comam: isto que tenho nas mãos é o meu corpo, que de agora em diante será comido na qualidade de novo Cordeiro Pascal!"⁽²⁷⁾ Em seguida, pegou o cálice de vinho tinto misturado com um pouco de água, rezou a bênção: - "Bendito sejas tu, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que da videira fazes brotar o vinho"; e passou-o a eles pronunciando a consagração:⁽²⁸⁾ - "Bebam todos desta bebida que lhes apresento, pois é o meu sangue, o sangue que será derramado em sacrifício de resgate por muitos, para a remissão dos pecados (cf. Jr 6,45), e que selará a Nova Aliança com Deus (cf. Jr 31, 31-33; Is 55,3) mais que o sangue dos cordeiros que selava a Antiga Aliança (cf. Ex 24,8; Hb 8,8-9.13; 9,15-22).⁽²⁹⁾ Eu lhes declaro: de hoje em diante não tornarei a beber com vocês deste suco da videira na vida presente. Mas não se entristeçam: um dia voltarei a beber com vocês um novo vinho, espiritual, que inebriará vocês de felicidade no reino de meu Pai! (cf. Mt 8,11; Lc 12,37; 22,29-30).⁽³⁰⁾ Por fim, entoou a segunda parte do Hallel (louvor) (cf. Sl 114-117), serviu a taça final de vinho (a 4ª), e todos se encaminharam para o monte das Oliveiras.

Questionário

18a - *Jesus incumbiu dois discípulos de prepararem o cordeiro pascal. Quais?*

Pedro e João (cf. Lc 22,8).

18b - *Por que Jesus ocultou o nome de quem pôs a sala à disposição dele?*

Porque Judas teria uma boa oportunidade de entregar Jesus aos inimigos e assim criar obstáculos para a realização da Última Ceia.

18c - *Como Pedro e João puderam acertar a casa sem saber o nome do dono?*

Por Mc 14,13-15 e Lc 22,10, sabemos a dica que Jesus deu aos dois apóstolos: - "Entrem na cidade; sairá ao encontro de vocês um homem com um cântaro de água. Sigam-no... ele lhes mostrará a sala pronta".

18d - *"Meu tempo está próximo." Que tempo?*

O tempo da imolação de Jesus na cruz.

18e - *Páscoa significa passagem, mas de quê?*

Passagem do Anjo Exterminador (cf. Ex 12,23), que poupou da morte os primogênitos hebreus em respeito ao sangue do cordeiro sacrificado tingindo os umbrais de suas portas. E passagem dos israelitas através do mar Vermelho (cf. Ex 14,29-30), libertando-se da escravidão egípcia. A primeira Páscoa foi celebrada no Egito 1.250 anos antes de Cristo. Esta prática será repetida anualmente em Jerusalém, sacrificando-se só no Templo nacional o cordeiro. A comemoração começava no dia 14 e terminava a 21 do mês de Nisan (parte de março com parte de abril). Comer do cordeiro Pascal era tornar-se comensal de Deus.

19a - *Sabe-se em que casa se deu a Santa Ceia?*

Uma tradição muito antiga identifica o Cenáculo com a casa paterna de Marcos, onde os cristãos se reuniam depois da Ressurreição (cf. At 12,12).

19b - *Qualquer cordeiro servia para a celebração pascal?*

Poderia ser cordeiro ou cabrito, sem defeito, macho, de oito dias até um ano de idade e sem quebrar-lhe osso algum (cf. Ex 12,5. 46). Só podia ser imolado no Templo e consumido todo nas casas, mas em Jerusalém (cf. Dt 16,5-7). Segundo norma dos rabinos, o número dos comensais na ceia pascal não podia ser inferior a 10 nem superior a 20.

23 - *Que é: "aquele que pôs comigo a mão no prato"?*

É o mesmo que dizer: - "alguém que está comigo à mesa". Todos serviam-se tirando com a mão de uma travessa colocada no centro. Não usavam talheres.

28 - *"Sacrifício de resgate por muitos. Jesus não derramou seu sangue por todos?"*

Sim, por todos, mas nem todos aceitam o resgate oferecido por ele. Estes não se deixam resgatar do erro e do pecado: inutilizam para si mesmos o desígnio da salvação (cf. Lc 7,30). O sangue das vítimas derramado era parte essencial dos sacrifícios com que Israel expiava seus pecados. A efusão do sangue de Jesus constituiu o sacrifício expiatório da nossa redenção. Aos judeus era vedado beber o sangue das vítimas no qual estava a vida que só a Deus pertence. Jesus nos manda

beber o seu sangue no qual está a Vida que ele nos dá (cf. Jo 6,56). Se Cristo não estivesse realmente presente na Eucaristia, não teria sentido a sentença de S. Paulo: - "Todo aquele que comer o pão ou beber do cálice do Senhor indignamente, torna-se culpado em relação ao Corpo e ao Sangue do Senhor (cf. 1Cor 11,27).

29 - Que é: "*O reino do meu Pai*" ?

O céu.

Lições de vida

24 - "Melhor seria que não tivesse nascido." Terrível sentença mostrando que resistir até o fim a todas as graças oferecidas a Judas na convivência com Jesus leva à dureza de coração que faz perder o sentido total da vida. São Jerônimo comenta: "É melhor não existir do que existir mal".

26 - Antes dos Evangelhos serem escritos, já existia o culto eucarístico vivido e celebrado pelos cristãos (cf. 1Cor 11,23-26), para os quais a páscoa judaica já havia perdido a importância.

28 - Jesus assumiu com infinito amor a missão da redenção universal, como Isaías tinha profetizado (53,11-12) do Servo de Javé. Mt liga a Eucaristia à remissão dos pecados. Jesus paga com seu sangue o preço do nosso resgate, mostrando o caráter expiatório de sua morte redentora. "A Santa Ceia (Eucaristia) é a antecipação sacramental do sacrifício da cruz" (João Paulo II). Eucaristia é o sacramento da presença real de Jesus, o sacramento da Paixão e Morte redentoras para a remissão dos pecados; é o sacramento da Nova Aliança de Deus conosco no corpo e sangue do Filho; é a Páscoa cristã; a doação total de Jesus pela salvação universal. Esse quadro tem como moldura a traição de um amigo e o abandono dos outros. Enquanto Judas entrega seu Mestre aos inimigos, Jesus entrega seu corpo e sangue como alimento aos amigos!

Oração

Senhor, quero agradecer o dom inestimável da Eucaristia, que nos torna presentes na Última Ceia, pois ela acontece hoje em cada missa como na Quinta-Feira Santa. Bastaria que o senhor nos tivesse remido; mas como o amor não conhece medidas, o senhor quis tornar-se nosso alimento no pão e vinho consagrados. Na Páscoa antiga, o povo escolhido renovava sua Aliança provisória com Deus comendo as carnes de um cordeiro. Nós, muito mais felizes que os antigos, renovamos uma Aliança Eterna com o Pai alimentando-nos com o Corpo e o Sangue do Cordeiro que tira o pecado do mundo. Obrigado, Senhor; peço que aumente meu ardor pela Eucaristia. Amém.

Mt 26,31-35
Prediz o abandono dos discípulos
e a negação de Pedro
(cf. Mc 14,27-31; Lc 22,33-34; Jo 13,36-38)

⁽³¹⁾ Disse-lhes então Jesus sombriamente: - "Esta noite, vendo-me nas mãos dos inimigos, vocês todos, sem exceção, perderão a confiança em mim e me abandonarão. É o que predisse o Profeta Zacarias 13,17: 'Ferirei o pastor, que é o Messias, e se dispersarão as ovelhas, isto é, os discípulos'. ⁽³²⁾ Mas fiquem tranquilos, depois de ressuscitado, eu estarei na frente de vocês na Galiléia como um pastor com seu rebanho em convívio familiar". ⁽³³⁾ Respondeu-lhe Pedro prontamente e muito confiante em si mesmo: - "Ainda que todos se decepcionem do senhor, eu jamais". ⁽³⁴⁾ Jesus lhe disse: - "Garanto a você: nesta mesma noite, antes que o galo cante pela segunda vez, em torno das 3 horas da madrugada, você me terá negado três vezes!" ⁽³⁵⁾ Retorquiu-lhe Pedro: - "Mesmo que seja preciso morrer com o senhor, eu não o negarei". O mesmo repetiram todos os outros discípulos.

Mt 26,36-46
Início da Paixão: agonia no horto
(cf. Mc 14,32-42; Lc 22,39-46; Jo 18,1; 12,27)

⁽³⁶⁾ Então Jesus foi com eles a uma propriedade particular chamada Getsêmani, aos pés do monte das Oliveiras, ao longo do córrego Cedron, a leste de Jerusalém. Os apóstolos estavam habituados a ver Jesus deixá-los ali enquanto ele se retirava mais adiante para orar (cf. Lc 22,39; Jo 18,2). Por isso não estranharam ao ouvir o pedido de Jesus: - "Sentem-se aqui enquanto vou até ali para orar". ⁽³⁷⁾ Mas desta vez tomou consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João, seus mais íntimos discípulos e testemunhas de sua Transfiguração (cf. 17,1-2), a fim de presenciarem agora sua angústia mortal, vendo-o ao clarão da lua cheia e ouvindo suas palavras. Afastando-se um pouco deles, começou a aterrorizar-se e angustiar-se. ⁽³⁸⁾ Havia falado várias vezes de sua morte; mostrara o desejo desse momento; mas agora que ele é iminente, prova toda a angústia e repugnância natural de um ser humano diante da morte. Mostra-se necessitado de conforto psicológico e pede aos amigos que não o deixem só. Diz-lhes: - "A minha alma está numa tristeza capaz de matar. Fiquem aqui comigo acordados, por favor". ⁽³⁹⁾ Foi um pouco à frente e prostrou-se com o rosto por terra orando, porque, embora a razão aceitasse a cruz e a morte, a natureza humana instintivamente as repelia. Disse então: - "Meu Pai, se é possível (cf. 19,26), mande que esse cálice da bebida da morte se afaste de mim, sem que eu o beba; contudo, não se faça como eu quero, mas como o senhor quer!" ⁽⁴⁰⁾ Voltou para buscar forças junto de seus três discípulos, que encontrou dormindo. Queixou-se a Pedro, que, minutos antes havia prometido tanto: - "Como assim?! Não foram capazes de ficar acordados uma hora comigo?!" ⁽⁴¹⁾ Na oração eu venci a repugnância natural da morte. Dado que vocês estão na iminência de uma forte tentação a meu respeito, é necessário não serem surpreendidos

desamados. Por isso, vigiem atentos e orem, para se armarem de forças para a luta e não sucumbirem na fé. Pois a vontade racional pode estar cheia de ardor, mas a fraqueza humana enraizada na carne é tanta que, freqüentemente, torna vãos os desejos e resoluções mais ardentes e não consegue vencer as crises sem o auxílio da graça divina".⁽⁴²⁾ Afastou-se de novo e prosseguiu pela segunda vez em sua insistente e resignada oração, em união perfeita com o Pai: - "Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, seja feita não a minha, mas a vontade do senhor, que é vontade de amor!" (cf. Hb 5,7-9).⁽⁴³⁾ E voltando outra vez aos amigos, encontrou-os dormindo, pois estavam com os olhos pesados de sono.⁽⁴⁴⁾ Superando a necessidade de conforto humano, deixou-os assim e foi pela terceira vez buscar forças na oração, repetindo de novo as mesmas palavras.⁽⁴⁵⁾ A seguir, depois de quase duas horas de oração, voltou para junto dos discípulos e, vendo-os frente ao perigo de violenta tentação, com palavras repassadas de dolorosa ironia, acordou-os a fim de que tomassem consciência do que estava por acontecer, dizendo: - "Agora podem continuar dormindo e descansando porque já passou o tempo em que podiam vigiar comigo. Eis que chegou a hora do poder das trevas (cf. Lc 22,53), a hora de o Filho do Homem ser entregue sem amigos às mãos dos pecadores".⁽⁴⁶⁾ Percebendo que Judas vinha já perto, acrescentou com decisão e firmeza: - "Levantem-se depressa. Vamos encontrar-nos com os oficiais. Está chegando aquele que vai entregar-me".

Questionário

36 - Que significa o termo Getsêmani?

É lagar de azeite. Em torno da rocha onde Jesus se debruçou para orar e suar sangue (cf. Lc 22,44), Teodósio, imperador de Roma, construiu em 380 uma igreja, que em 1920 foi inteiramente renovada, com ajuda também dos católicos brasileiros. Por isso, em sua abóbada interna vêem-se o nome e as insígnias do Brasil.

37a - Qual a razão de conduzir para mais perto de si esses três apóstolos?

Os três que o viram transfigurado no Tabor deveriam ser capazes de ver a sua humanidade em agonia, sem duvidar de sua divindade.

37b - Qual o motivo da angústia de Jesus?

A repugnância natural pela morte, o pavor dos tormentos que prevê e da tragédia horripilante da crucifixão; o peso morto e quase insuportável dos pecados humanos que lhe invadem a alma e cuja culpa ele deveria pagar (cf. Is 53,3-12; Rm 4,25; 2Cor 5,21; 1Pd 2,24). Jesus aceitou voluntariamente a morte expiatória (expição vicária) por amor ao Pai e por nós, pois só assim seríamos justificados diante de Deus (cf. 1Cor 6,20; 1Tm 2,6).

39 - Que significa esse cálice?

Aqui é usado como metáfora para indicar amargura, sofrimento, morte por derramamento do sangue como em 20,22-23. Na linguagem bíblica e oriental, pode ser também símbolo de vida feliz (cf. Sl 16,5-6). Esta repulsa instintiva pela morte mostra que Jesus tem uma natureza humana igual à nossa, exceto no pecado.

41a - Que são espírito e carne?

Espírito é a vontade racional do homem. Carne é o instinto enraizado no físico do homem, muitas vezes exigindo o que a razão não admite. A vontade racional deve ser fortalecida pela graça que vem da oração, a fim de não ceder aos instintos da fragilidade humana.

41b - A que tentação sucumbiram os apóstolos abandonando Jesus?

Jesus deu tantos sinais de seu poder divino, reforçando nos apóstolos a falsa idéia de um Messias invencível. Vendo-o agora preso, toda a missão do Mestre terminava em falência inexplicável. Está tudo perdido, tudo acabado: ele não é o Messias! Não entendiam a Ressurreição nem que Jesus, para nos salvar, deveria "humilhar-se e fazer-se obediente até à morte, e morte de cruz!" (cf. Fl 2,8). Só compreenderão esse mistério à luz de Pentecostes.

Lições de vida

31 - Jesus completamente só, na hora mais cruciante de sua vida! Esse abandono faz parte do seu despojamento total para nos recuperar. A defecção dos apóstolos é enérgica advertência aos seguidores de Jesus. Poderão passar por profundos abalos na fé. Fora o traidor, todos os apóstolos voltaram ao Senhor da vida. Por grave que seja o pecado, o homem sempre encontrará o perdão, desde que, arrependido, volte ao Senhor.

34 - Jesus demonstra claramente que possui a presciência e a consciência: o futuro lhe está presente até nos detalhes, e nada lhe é escondido.

39 - Jesus é tomado pelo pavor que a morte suscita no homem. Sente o desejo natural de se libertar dela, mas orando resigna-se à vontade do Pai. As primeiras comunidades cristãs, duramente perseguidas de morte, encontraram em Jesus o modelo de fidelidade a Deus buscando forças na oração confiante.

Oração

Jesus, o senhor orou insistentemente diante da terrível provação por que passou, e os apóstolos dormiram. O senhor superou a tentação, mas os apóstolos, sem a graça que vem da oração, fugiram sem coragem para a luta. Que nas crises de fé ou de outra natureza, eu me agarre à prática da oração, confiando na ajuda do alto. Amém.

Mt 26,47-56

Jesus traído e preso

(cf. Mc 14,43-50; Lc 22,47-53; Jo 18,1-12)

⁽⁴⁷⁾ Jesus ainda falava quando chegou Judas Iscariotes, um dos Doze, com um grande grupo composto dos oficiais e soldados da polícia do Templo, dos servos dos sacerdotes e de um destacamento de soldados romanos, que o governador, Pilatos,

presente em Jerusalém para a ordem das festas, lhes concedera (cf. Jo 18,12), por temerem uma reação violenta dos galileus adeptos de Jesus. Armados de espadas e bastões, vinham da parte dos sumos sacerdotes e dos anciãos do povo.⁽⁴⁸⁾ Para evitar qualquer equívoco de pessoa a ser presa, o traidor tinha-lhes dado como sinal o beijo da saudação; "- Aquele que eu beijar, é ele, prendam-no!"⁽⁴⁹⁾ Judas foi direto a Jesus e disse: - "Salve, Mestre!" E o beijou uma e outra vez para que os do grupo não duvidassem.⁽⁵⁰⁾ Jesus, sem esconder seus sentimentos e mostrando mais uma vez conhecer a traição premeditada, disse-lhe: - "Amigo, com um beijo você completa a obra nefanda de trair-me!" Então os outros avançaram, lançaram as mãos sobre Jesus e o amarraram.⁽⁵¹⁾ Pedro, levado por um impulso instintivo de seu temperamento fogoso e do seu amor por Jesus, puxou da espada e feriu Malco, servo do sumo sacerdote, decepando-lhe uma orelha na intenção de cortar-lhe a cabeça.⁽⁵²⁾ Mas Jesus reprovou-lhe o gesto intempestivo, lembrando um princípio geral da justiça vindicativa: - "Guarda a espada na bainha! Pois todos os que usam a espada para vinganças pessoais, pela espada morrerão" (cf. Sb 11,16).⁽⁵³⁾ Ou você pensa que, se eu quisesse defender-me, não poderia recorrer a meu Pai, que me mandaria imediatamente mais de doze legiões de 6 mil anjos cada uma?⁽⁵⁴⁾ Mas como então se cumpriram as Escrituras, segundo as quais é necessário que eu seja o Cordeiro sacrificado pela salvação do mundo?" (cf. Sl 21; Is 53; Dn 9,26...) ⁽⁵⁵⁾ E Jesus dirigiu-se ao bando que o deteve: - "Vocês vieram a mim com espadas e bastões para prender-me como um bandido! No entanto todos os dias eu me sentava a ensinar publicamente no Templo, e vocês não me prenderam!"⁽⁵⁶⁾ Mas tudo isto aconteceu para se cumprirem as Escrituras dos profetas". Então todos os discípulos abandonaram-no e fugiram. Pedro e João seguiram-no a certa distância (cf. v. 58; Jo 18,15).

Mt 26,57-68

Perante o Sinédrio

(cf. Mc 14,53-65; Lc 22,54-55.63-71; Jo 18,13-15.19-24)

⁽⁵⁷⁾ Os que prenderam Jesus, levaram-no à casa do sumo sacerdote Caifás, onde, apesar da hora adiantada, se reuniram em caráter de emergência os chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos que compunham o Sinédrio, o mais elevado tribunal de justiça e suprema autoridade judaica. Queriam dar ao julgamento de Jesus uma forma de legalidade diante do público e das autoridades romanas. Bastavam 23 dos 71 membros do Sinédrio para dar valor jurídico ao tribunal.⁽⁵⁸⁾ Pedro, depois da fuga do Getsêmani, recobrou ânimo e pôs-se a seguir Jesus de longe. Atreveu-se a entrar no pátio do palácio de Caifás; sentou-se entre os guardas para ver como terminaria tudo aquilo e que sentença pronunciariam contra Jesus.⁽⁵⁹⁾ Ora, os sumos sacerdotes e o Sinédrio inteiro procuravam um falso testemunho contra Jesus, a fim de condená-lo à morte e induzir Pilatos a ratificar a sentença.⁽⁶⁰⁾ Mas nada encontraram, embora se apresentassem muitas falsas testemunhas. Por fim, apareceram duas testemunhas⁽⁶¹⁾ atestando: - "Este homem declarou: 'Posso destruir o Templo de Deus e reedificá-lo em três dias'".⁽⁶²⁾ Imediatamente o sumo sacerdote levantou-se e perguntou a Jesus: - "Não tem o que responder ao que estes testemunham contra sua pessoa?"⁽⁶³⁾ A acusação era tão desleal que Jesus

permaneceu calado; mas diante dos chefes era considerada grave blasfêmia contra o Templo, portanto um delito passível de morte. Caifás, humilhado, necessitava sair do impasse. Apelou então para um recurso que constrangesse o réu a responder com juramento: - "Eu o conjuro pelo Deus vivo: diga-nos se você é o Cristo, o Filho de Deus, como andou afirmando".⁽⁶⁴⁾ Intimado em nome de Deus, por respeito a ele, Jesus não vai calar, e diante da suprema autoridade de Israel, ele deve ao mundo inteiro uma afirmação categórica de sua divindade igual ao Pai e de sua qualidade de juiz de toda a humanidade, ainda que isto lhe custe a vida. Respondeu, pois: - "É precisamente como o senhor acaba de dizer! Além disso, eu lhes asseguro que um dia verão o Filho do Homem reinar sentado à direita e em nível de igualdade com o Todo-Poderoso (cf. Sl 109,1), quando vier sobre as nuvens do céu para o julgamento final e a justiça definitiva, revestido da glória de Deus (cf. Dn 7,13; Sl 110, 1), como juiz também de vocês que agora me julgam".⁽⁶⁵⁾ Nisto Caifás, hipocritamente horrorizado com a afirmação de Jesus, que ele conhecia bem, em gesto típico de indignação, rasgou com violência a veste superior desde o pescoço até o peito, como a dizer que Jesus lhe rasgara o coração. De presidente do tribunal, transformou-se em acusador para provocar a sentença sumária do Sinédrio, sem dar ao acusado oportunidade de defesa, e disse enfaticamente: - "Blasfemou. Que necessidade temos ainda de testemunhas? Todos vocês agora ouviram a blasfêmia.⁽⁶⁶⁾ Que lhes parece?" E o Sinédrio a uma só voz pronunciou a sentença: - "É réu de morte por blasfêmia, porque se fez igual a Deus!" (cf. Lv 24,16; Mt 9,3; Jo 10,33).⁽⁶⁷⁾ Dentre os membros do Sinédrio, que não tinha direito à sentença definitiva de morte, alguns, de acusadores e juizes, esperavam ainda tornar-se executores da sentença capital. Iniciaram então uma série de ultrajes, incitando os presentes a fazer o mesmo: cuspiram-lhe no rosto e deram-lhe socos. Outros, vendando-lhe os olhos (cf. Lc 22,64), o esbofeteavam,⁽⁶⁸⁾ dizendo em tom de zombaria: -"Adivinha, ó Messias: quem é que lhe bateu?"

Questionário

49 - *Os outros apóstolos chamavam Jesus de "Senhor" (cf. v. 22); Judas diz "Mestre" (cf. vv. 25 e 49). O que você percebe nisto?*

"Mestre" era o título próprio dos professores da Lei. Os apóstolos o chamam "Senhor", isto é, muito mais do que Mestre. Judas chama-o "Mestre", sinal de que Jesus não é mais o seu "Senhor"!

59 - *Quantas testemunhas a Lei exige?*

No mínimo duas (cf. Nm 35,30; Dt 17,6; 19,15), e deviam ser ouvidas em separado e achadas perfeitamente concordes em seus depoimentos.

61 - *Em que falhou esse testemunho?*

Distorceram as palavras de Jesus, que disse: - "Destruam vocês este templo, e em três dias eu o reerguerei... Mas ele falava isso a respeito do templo que é seu corpo" (cf. Jo 2,19-22). O sentido é este: - "Destruam vocês, como estão querendo, o templo de Deus que é meu corpo, e eu em três dias o reerguerei, ressuscitado". Naquela ocasião, todos entenderam bem que ele aludia a um templo feito não de pedras e por mãos humanas, pois, no dia em que o mataram, tomaram precauções,

alegando: - "Nós nos lembramos de que esse impostor, quando ainda vivia, disse: 'Depois de três dias ressuscitarei'", e puseram guardas no sepulcro.

64 - *Caifás perguntou se Jesus se declarava o Messias. Parece que Jesus não respondeu à pergunta. Que diz você?*

Primeiro: a resposta "Tu o dizes" significa "sim". Segundo: Jesus esclareceu perfeitamente o seu sim, aplicando a si mesmo as palavras inconfundíveis com que o profeta Daniel 7,13-14 descreveu o "Filho do Homem" que é o Messias: "[...] com as nuvens do céu vinha um como Filho do Homem [...] e lhe foi dada soberania, glória e realeza: as pessoas de todos os povos, nações e línguas o serviam. Sua soberania é uma soberania eterna, que não passará, e sua realeza, uma realeza que jamais será destruída".

Lições de vida

Jesus chama Judas de "amigo" (cf. v. 50): é uma suprema tentativa no sentido de salvar o discípulo infiel. Jesus preso: a onipotência de Deus acorrentada! Os homens conseguem apoderar-se de Jesus, porque ele se entrega livremente, cumprindo o plano do Pai para resgatar o homem. Submete-se como um brinquedo nas mãos do poder das trevas!

Este primeiro processo para o julgamento de Jesus foi uma farsa maquinada pela autoridade religiosa e política da nação, sem a qual jamais Jesus seria crucificado.

Pedro interfere para defender Jesus, mas com meios errados. É repreendido porque recorre à violência, contradizendo o que Jesus ensinou (cf. Mt 5,39). Quando ele afirmou que "veio trazer a espada e não a paz" (cf. Mt 10,34), falava de uma espada espiritual: a separação necessária entre o bem e o mal, entre Deus e o demônio. S. Paulo também usa a "espada do espírito", que é a Palavra do Evangelho, para condenar a violência (Ef 6,17). Não se retribui nem se corrige mal com mal.

A cena de ultrajes infligidos a Jesus já tinha sido profetizada por Isaías 50,6: "Apresentei as costas aos que me queriam bater, ofereci o queixo aos que me queriam arrancar a barba e nem escondi o rosto dos insultos e dos escarros!"

Oração

Senhor, diante do Getsêmani, eu caio numa confusão que me atordoia, porque o vejo suar sangue ao se responsabilizar pela paga dos meus erros. Busca conforto com os amigos, e os encontra sonolentos! Recebe um falso beijo de amigo traidor. Abandonado pelos mais íntimos, é preso, manietado, cuspidor, esbofetado, batido, ultrajado! Custou-lhe excessivamente caro o meu resgate! Se eu lhe pertencia pelos direitos da criação, muito mais não me pertença por tão copiosa redenção. E tudo sem uma queixa, porque considerava mais o amor que me tinha

**do que os tormentos que sofria. Mil vezes obrigado,
Senhor! Amém.**

Mt 26,69-75

Pedro nega Jesus

(cf. Mc 14,66-72; Lc 22,56-65; Jo 18,17. 25-27)

⁽⁶⁹⁾ Enquanto Jesus, na sala do palácio, era julgado, Pedro, triste mas impelido pelo amor ao Senhor, entrou no pátio e permaneceu sentado no meio dos outros, aquecendo-se em torno de uma fogueira. A criada que o tinha deixado entrar (cf. Jo 18,17) aproximou-se dele e, na presença de todos, apontou-o, dizendo-lhe em rosto: - "O senhor também estava com Jesus, o galileu!" ⁽⁷⁰⁾ Pedro, atemorizado, negou diante de todos, nestes termos: - "Não sei o que você quer dizer". ⁽⁷¹⁾ Sentindo-se inseguro onde estava, afastou-se da fogueira e foi colocar-se à porta da entrada, onde outra empregada o reconheceu e disse aos que lá estavam: - "Esse aí também andava com Jesus, o nazareno". ⁽⁷²⁾ Pela segunda vez ele negou, e com juramento: - "Juro que não conheço esse homem!" ⁽⁷³⁾ Não muito depois, aproximaram-se em bloco os circunstantes, dizendo a Pedro: - "Sem dúvida alguma, você também é do grupo de Jesus; até o seu modo de falar, no dialeto galileu, denuncia você!" ⁽⁷⁴⁾ Então ele se pôs a proferir repetidas imprecações até afirmar: - "Juro que não conheço esse homem. Que Deus me castigue se eu não estou dizendo a verdade!" Nesse momento o galo cantou, ferindo o coração de Pedro! ⁽⁷⁵⁾ Ele se lembrou das palavras que Jesus tinha proferido: - "Antes que o galo cante, você me terá negado três vezes!" Abandonou cabisbaixo aquele recinto e, tocado de profundo arrependimento, chorou amargamente!

CAPÍTULO 27

Mt 27,1-2

Entregue à autoridade civil

(cf. Mc 15,1; Lc 23,1; Jo 18,28)

⁽¹⁾ O Sinédrio dos sumos sacerdotes e anciãos do povo novamente reuniu-se de manhã bem cedo, na sexta-feira (cf. Lc 22,66-71), em casa de Caifás. Procuravam dar legalidade à condenação de Jesus à morte, cuja execução cabia à autoridade dominadora, desde que a terra de Israel, no ano 6, fora anexada à província romana da Síria, sendo governada por um procurador de Roma. ⁽²⁾ Determinados a obter a confirmação da sentença contra Jesus para anular a sua fama e doutrina, levaram-no manietado e o entregaram a Pôncio Pilatos (cf. 20,19), o quinto procurador, que governou do ano 26 a 36; por ocasião das solenidades pascais, ele passou de Cesaréia do mar Mediterrâneo a Jerusalém, na fortaleza Antônia, ao norte do Templo, com bom número de soldados para prevenir qualquer sedição ou tumulto, dado o grande número de judeus vindos de fora.

Mt 27,3-10

Fim de Judas

(cf. At 1,18-19)

⁽³⁾ Então Judas, que o havia traído, ao ver que Jesus tinha sido condenado à morte pelo Sinédrio, foi tocado de profundo remorso, sentiu horror de si mesmo, foi devolver as 30 moedas de prata, preço de um escravo, aos sumos sacerdotes e anciãos, declarando: ⁽⁴⁾ - "Pequei, entregando à morte um inocente!" Os cínicos sinedristas, já desinteressados do traidor, responderam-lhe: - "Que temos nós com isso? O problema é seu!" ⁽⁵⁾ Diante dessa repulsa e insensibilidade dos chefes do povo, diante da falta de amor e confiança em Jesus, sozinho no pecado, ele não se humilhou pedindo perdão, mas, levado pelo desespero, dirigiu-se ao Templo, chegou até o santuário onde só entravam os sacerdotes e arremessou lá dentro as 30 moedas de prata; retirou-se apressadamente e foi enforcar-se. ⁽⁶⁾ Os sumos sacerdotes, inescrupulosos para matar um inocente, sentiram escrúpulo de aceitar aquele dinheiro para o Templo. Recolheram-no, dizendo: - "É contra a Lei depositá-lo no tesouro do Templo, porque é preço de sangue". ⁽⁷⁾ E, por deliberação tomada em conselho, compraram com ele, para cemitério de hebreus estrangeiros, o campo de um oleiro, que o tinha posto à venda depois de extraída a matéria-prima, o qual se situa a sul da cidade, na parte baixa do vale da Geena. ⁽⁸⁾ Por isso, até hoje, aquele lugar se chama Haqéldama, isto é, Campo do Sangue. ⁽⁹⁾ Cumpriu-se então o que disseram Jeremias 32,6-9 e, mais ainda, Zacarias 16,12-13: - "Eles tomaram as 30 moedas de prata, preço daquele que foi posto à venda, negociado pelos filhos de Israel, ⁽¹⁰⁾ e as deram em troca do Campo do Oleiro, conforme o Senhor me ordenou".

Questionário

Se o Sinédrio já o havia condenado umas horas antes (cf. 26,66), por que achou necessária esta nova condenação?

Como a Lei do Talmud proibia sentenças capitais à noite, procuraram validar a condenação numa reunião diurna. A lei também proibia sentenças de morte no mesmo dia da abertura do processo, a não ser em casos particularmente graves.

4 - Judas teve verdadeiro arrependimento?

Há várias possibilidades de arrependimento só aparente.

1) Em Judas faltou o elemento que constitui o verdadeiro arrependimento que atrai o perdão: faltou a conversão, o regresso para Deus, a volta do filho pródigo para a casa do pai. Ele não confiou na misericórdia do Pai, que sempre perdoa a quem se arrepende, se emenda e repara o que é possível. O desgosto pelo erro cometido, o simples remorso sem referência a Deus não leva à conversão, não é verdadeiro arrependimento.

2) Algo semelhante acontece, por exemplo, com a pessoa casada que deixa de adular, só porque o (a) consorte o (a) apanhou em flagrante. Reconhece o erro, sente até remorso de ter magoado a pessoa mais íntima, mas, sem o sentimento de ter ofendido a Deus, não é verdadeiro arrependimento. Não leva à conversão. Deixou de pecar porque sua liberdade encontrou um obstáculo. Essa consciência continua em estado de pecado.

3) Outro caso. Como a amante mudou-se para outras terras, ele agora não tem como freqüentá-la. Então confessa-se para poder comungar. Se ela voltar, continuará procurando-a, porque ela interessa mais do que os sacramentos e a consciência em paz. Aqui não há arrependimento sincero de conversão. Deixou de pecar por falta de oportunidade, não por amor a Deus. A confissão foi falsa como a de Judas, que confessou (cf. Mt 27,4), mas não se converteu. A conversão não se limita a sinais de pesar como os de Judas, nem, para nós, hoje, a uma participação num rito penitencial com a comunidade sem a verdadeira contrição interior. É necessário superar a disposição que leva a pecar...

4) Mais um perigo se encontra no que se chama presunção da misericórdia. Exemplo: alguém resolve pecar com a intenção de, mais tarde, se arrepender e confessar. Sua atitude implica na negação da gravidade do pecado e no abuso da misericórdia de Deus. Será uma confissão insincera com arrependimento falso.

5) É imperdoável o pecado contra o Espírito Santo (cf. Mt 12,31-32) pelo simples fato de o pecador não reconhecer seu erro e, portanto, crer não precisar de perdão. Aqui não há arrependimento nem aparente. E o homem que torna o pecado imperdoável, e não Deus, como negar a verdade clara, por vontade de negá-la, obstinando-se a fechar os olhos para não ver a luz. Dizer que Jesus agia pelo demônio é colocar-se na condição de imperdoabilidade, porque é falar contra o que lhe mostra o Espírito Santo (cf. Mt 12,24 e 32).

Lições de vida

Quando Jesus, entre inauditos tomentos, orou pelos inimigos dizendo na cruz: "Perdoai-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem" (cf. Lc 23,34), envolvia também Judas na oferta desse perdão; mas Judas desesperou de si mesmo e de Deus, e não se abriu ao perdão e à conversão.

Os chefes do povo não aceitam para o Santuário o dinheiro de Judas porque reconheciam que representa um "lucro torpe"; mas estão cegos para reconhecer que eles próprios deram a Judas o dinheiro do crime.

Judas traiu Jesus uma vez; Pedro o negou três vezes. Judas o traiu uma só vez aparentemente, porque fazia tempo que vinha maquinando a traição; o processo do seu pecado foi longo! Pedro nunca premeditou negar o Senhor. Judas, desde que começou a pensar na traição, foi diversas vezes advertido por Jesus, com tempo para repensar. Quando Jesus advertiu Pedro da negação, este nem sonhava em negá-lo. Quer dizer, Judas amadureceu conscientemente a idéia da traição; já lhe interessava mais o dinheiro do que a amizade com o Mestre. Pedro caiu pego de surpresa em tentação inesperada. Judas traiu e não voltou a Jesus; desesperou-se e se suicidou (cf. Mt 27,5). Pedro, imediatamente após as negações, arrependeu-se, chorou amargamente e ficou unido ao grupo dos amigos de Jesus. Se Judas tivesse voltado a Jesus com arrependimento, encontraria o perdão. Pedro foi perdoado porque reconheceu o erro e se humilhou. O pecado maior de Judas não foi a traição, mas o não crer na misericórdia do Senhor. A salvação de Pedro foi confiar que a misericórdia de Jesus era maior do que as negações. Pedro coroará a reparação de sua queda com uma tríplice profissão de fé e de amor quando Jesus ressuscitar (cf. Jo 21,15-17). Quanto maior a vocação, maiores as tentações! A negação de Pedro é uma advertência a todos nós: um temperamento fogoso, mas volúvel, é capaz de passar da mais incondicional afirmação de fidelidade à mais vergonhosa traição, se não evitar a ocasião que favorece a queda. O pecado de Pedro foi uma mentira e covardia por medo de ser preso e condenado. Foi grave, certamente, mas não contra a fé, sim contra a confissão da fé. Pecado da boca para fora, não do coração, que nunca deixou de amar o Senhor. A causa da queda foi a demasiada confiança em si mesmo, pelo que não fugiu da ocasião favorável à tentação, mas se expôs temerariamente ao perigo sentando-se junto dos inimigos de Jesus. A fraqueza de Pedro contrasta com a fidelidade de Jesus até à morte.

Oração

Senhor, sei que o maior pecado de Judas não foi vendê-lo por dinheiro, mas não confiar na misericórdia infinita de Deus, sempre mais disposto a perdoar do que nós a pedir perdão. Sei que a bondade do Pai me perdoou um sem-número de vezes. Peço a graça do verdadeiro arrependimento para reconhecer humildemente meus erros, por menores que sejam; leve-me a repará-los quanto

possível e me faça aproveitar até das próprias faltas para o crescimento na prática do bem.

Senhor, Pedro o negou três vezes numa hora de medo inesperado. Eu devo lamentar não essa falha do apóstolo, mas as tantas vezes em que eu o neguei, não digo com palavras e juramentos, mas com certas atitudes indignas de um seguidor seu. Pedro, em poucos minutos reconheceu o erro, arrependeu-se de todo o coração, chorou-o amargamente e depois foi sempre fiel ao senhor até a morte. Eu, não poucas vezes permaneci mais tempo em estado de pecado, não tive a humildade de reconhecê-lo imediatamente, de me arrepender e de me emendar com presteza. Peço a graça de saber aproveitar-me até das falhas cometidas, para ser mais fiel à minha consagração batismal até a morte. Amém.

Mt 27,11-26

Síntese do processo civil diante de Pilatos. Flagelação

(cf. Mc 15,2-15; Lc 23,2-5; 13-25; Jo 18,28-19,16)

⁽¹¹⁾ Logo ao alvorecer, o Sinédrio conduziu Jesus atado, ao pretório de Pôncio Pilatos, palácio a ocidente da cidade e residência do governador quando vinha de Cesaréia Marítima, onde morava, a Jerusalém. Abandonando a questão religiosa que não interessava à autoridade civil, acusaram-no de culpas políticas, como se fora um agitador a excitar o povo à rebelião (cf. Lc 23,2) e querendo proclamar-se rei. O governador interrogou-o da seguinte forma: - "Você é o Messias, rei dos judeus?" - "É como o senhor está dizendo; sou, mas em sentido espiritual" (cf. Jo 18,36) - declarou Jesus. ⁽¹²⁾ Inteiramente vã a primeira acusação, os sumos sacerdotes e anciãos buscaram outras, a que ele nada respondeu. ⁽¹³⁾ Pilatos voltou a perguntar-lhe: - "Não está ouvindo quantas acusações lançam contra você?" ⁽¹⁴⁾ Mas ele, com majestosa serenidade, não lhe respondeu em ponto algum (cf. Is 53,7), de modo que o governador ficou muito surpreendido de que não se defendesse. ⁽¹⁵⁾ Por ocasião da solenidade pascal costumava soltar um prisioneiro, à escolha do povo, em memória da libertação dos hebreus da escravidão no Egito. Pilatos pensou logo em valer-se desse expediente para libertar Jesus, mas deu mostras de desconhecer a psicologia dos inimigos cheios de rancor, e da psicose coletiva do povo sublevado por eles. ⁽¹⁶⁾ Havia então um prisioneiro de fama, salteador e assassino, chamado Barrabás. ⁽¹⁷⁾ Com evidentes sinais de timidez, apelou Pilatos à plebe enfurecida, que se apinhava, ameaçadora, diante do pretório, propondo esta escolha: - "Quem querem que lhes solte, Barrabás ou Jesus, a quem chamam Messias?" ⁽¹⁸⁾ Pilatos bem sabia que os chefes do povo o tinham entregue por ódio e inveja diante da extraordinária popularidade de Jesus. ⁽¹⁹⁾ Nesse ínterim, Cláudia Prócula, mulher de Pilatos, simpatizante da religião judaica, mandou advertir o marido, sentado no tribunal, dizendo-lhe: - "Não se envolva com esse justo, pois nesta noite sofri um pesadelo que julgo uma manifestação de Deus a respeito dele,

que é inocente". ⁽²⁰⁾ Os sumos sacerdotes e anciãos instigaram a multidão a conceder a liberdade a Barrabás e a morte a Jesus. ⁽²¹⁾ O governador tomou a inquirir: - "Então, qual dos dois querem que lhes solte?" - "Barrabás" - responderam todos a uma só voz. ⁽²²⁾ Pilatos, vendo desconcertados seus planos, vacilou mais ainda, até cair na imprudência de interrogar diretamente o povo sobre a sorte de Jesus: - "Que devo fazer então de Jesus a quem chamam o Messias?" - "Seja crucificado!" - responderam todos, chamando sobre si a maior responsabilidade pela condenação de Jesus, de quem não querem só a morte, mas o suplício mais cruel e infame, que os romanos só infligiam a escravos e a grandes malfeitores. ⁽²³⁾ Tentando ainda proclamar a inocência do acusado, retrucou o governador: - "Que mal fez ele?" Mas aos instintos ferozes e ao fanatismo da multidão não interessam razões; eles gritam cada vez mais: - "Seja crucificado!" ⁽²⁴⁾ Pilatos, vendo o perigo de um tumulto, capitulou, e, com ele, a justiça. Com aquele gesto simbólico adotado pelos judeus (cf. Dt 21,6-7) para atestar a própria inocência na condenação de alguém, mandou vir água e lavou as mãos diante do povo, declarando que agia pressionado: "Sou inocente do sangue deste justo. A responsabilidade é de vocês!" ⁽²⁵⁾ O povo em massa reivindicou para si a responsabilidade, clamando: - "Seu sangue caia sobre nós e nossos filhos!" ⁽²⁶⁾ Então, soltou-lhes Barrabás. Quanto a Jesus, a contragosto, deixou-o entregue aos soldados romanos para o flagelarem, como prelúdio normal para a crucificação. Os golpes moeram as carnes de Jesus e o sangue correu até o chão. Em seguida o conduziram à execução.

Questionário

12 e 14 - *Como você interpreta o silêncio de Jesus diante das acusações?*

É um silêncio cheio de dignidade. Fala mais alto que qualquer resposta. É uma denúncia da farsa que está acontecendo. Por isso é que Pilatos se impressionou. Também significa que Jesus aceita com tranqüilidade a sentença de morte, em meu lugar, como se o culpado fosse ele e não eu!

26a - *Como praticaram a flagelação?*

No pátio onde se achava, Jesus foi atado a uma coluna baixa, de modo a apresentar o dorso nu para os golpes do açoite. O látigo era feito de várias tiras de couro munidas com bolinhas de metal ou pequenos ossos. A lei judaica permitia quarenta golpes (cf. Dt 25,3). A lei romana, como no caso de Jesus, não limitava o número; os algozes batiam à vontade. Durante o bárbaro suplício, não poucas vezes o condenado sucumbia.

26b - *Qual a razão última que levou Pilatos a condenar um inocente?*

Pilatos declarou três vezes estar persuadido da inocência de Jesus. Era seu dever libertá-lo. Mas por medo de incorrer na inimizade do Sinédrio, que ameaçava prejudicá-lo diante do imperador romano, contrastando com suas habituais crueldade e obstinação, agiu contra a própria consciência, condenando quem não era culpado. O interesse político superou o sentimento de justiça. Mas o verdadeiro vencedor neste processo é o condenado!

Lições de vida

Ainda hoje o mundo que não aceita compromisso com Deus para ser livre nas desordens de comportamento, está soltando Barrabás e condenando Jesus!

"Que seu sangue caia sobre nós" é uma autocondenação como uma sentença de morte. Primeiro, as autoridades condenaram Jesus; logo depois, o povo se une à perversidade dos chefes. O mau exemplo, quando vem de cima, faz escola na perversão do senso moral da sociedade.

Oração

Senhor, peço a graça da verdade e da honestidade. Que eu não me deixe dominar pelo interesse mesquinho ou pela antipatia que me leva a favorecer quem me agrada e não quem merece. Toda vez que sou injusto, mesmo em coisas pequenas, estou pedindo a liberdade para Barrabás ou imitando a covardia de Pilatos. Senhor, que eu tenha a coragem de sempre colocar a honestidade acima do meu interesse. Diante do julgamento humano, o senhor se calou e não se defendeu. Assim, aceitou a condenação que devia ser minha. Obrigado mil vezes, Senhor, muito obrigado.

Mt 27,27-31

Escarnecido e coroado de espinhos

(cf. Mc 15,16-20; Lc 23,11; Jo 19,2-3)

⁽²⁷⁾ Então os soldados do governador apoderaram-se de Jesus no pátio do pretório, reuniram em torno dele todo o pelotão de soldados da guarda do palácio, e, em vista de ele se ter declarado rei, parodiaram em cena teatral uma humilhante coroação de rei, desafogando sobre ele toda a aversão que votavam aos judeus. ⁽²⁸⁾ Despiram-no e o cobriram com uma capa escarlata. ⁽²⁹⁾ Trançaram uma coroa de espinhos que lhe puseram sobre a cabeça, e, na mão direita uma vara. Dobrando o joelho diante dele, escarneciam-no dizendo: - "Viva o rei dos judeus!" ⁽³⁰⁾ Cuspiam-lhe no rosto, tomavam a vara, e com ela batiam-lhe na cabeça coroada de espinhos. A capa vermelha simbolizava a púrpura real; a coroa de espinhos, o diadema de louros que o imperador trazia na cabeça, e a vara, o cetro de comando. A burla atingiu o auge com os arremedos das aclamações e homenagens (cf. Sl 22,17). ⁽³¹⁾ Depois de terem zombado dele à vontade, tiraram-lhe a capa e o revestiram com sua roupa. A seguir, conduziram-no fora para ser crucificado.

Questionário

27 - Que coorte é essa?

Aquartelada na Torre Antônia, junto ao Templo, punha-se às ordens de Pilatos uma tropa de 600 soldados, recrutados entre os não judeus da região, prontos para qualquer emergência. Dizendo que "reuniram em volta de Jesus toda a coorte", entenda-se, todo o grupo de plantão naquela hora e não os seiscentos.

29 - Como encontraram espinhos dentro da cidade?

Na terra de Israel a lenha é escassa. Por isso, usavam para o fogão um cipó espinhoso (seu nome científico: *poterium spinosum*) que até hoje se encontra em toda parte, mesmo em terrenos desérticos. Os soldados que acenderam uma fogueira na noite fria (cf. Lc 22,55), vendo as sobras desses cipós de espinhos, tiveram a cruel idéia de fazer uma coroa para torturar Jesus.

Lições de vida

Este trecho é para ser meditado demoradamente em silêncio!

Tantas injustiças, tantas torturas, tantas humilhações, não arrancaram uma palavra de Jesus e não diminuíram em nada sua grandeza, porque bem maior que seu martírio era seu amor pelos homens, mesmo tão cruéis!

Os evangelistas não se propunham transmitir apenas fatos históricos, mas o sentido salvífico da cruz e ressurreição. Daí o dar-nos só uma síntese do processo jurídico, que, na realidade, era mais extenso. O importante era convencer-nos que Jesus morria para nos salvar! É por isso que não descrevem tormentos, dores, feridas e sangue. Transmitem, sim, as últimas palavras do Senhor que constituem o centro do anúncio cristão.

Oração

O senhor ficou sempre calado diante da crueldade da coroação de espinhos, diante das maiores zombarias, como a de falso rei. E eu, Senhor, não suporto uma palavra que me fere. Espanta-me tanta diferença entre mim, discípulo, e o Mestre! O Senhor não perdeu a dignidade, a grandeza, a paz interior e a serenidade debaixo dos maiores vitupérios. Peço a graça de eu não me abalar quando tudo me contraria. Amém.

Mt 27,32-44

Crucificado

(cf. Mc 15,21-32; Lc 23,25-43; Jo 19,17-27)

⁽³²⁾ Os condenados deviam levar o patíbulo, a parte horizontal da cruz. Ao saírem da cidade, em vista do esgotamento de Jesus, os soldados temiam que ele sucumbisse pelo caminho, antes do tempo. Passava por ali um hebreu de Cirene, capital da Líbia, na África, chamado Simão. Valendo-se do direito militar de requisitar auxiliares

de trabalho, o centurião obrigou-o a carregar o lenho que pesava nos ombros de Jesus, que vai sem ninguém por ele. ⁽³³⁾ Chegaram ao lugar chamado Gólgota, pequena elevação de menos de 10 metros com figura de crânio, donde o nome de Calvário ou caveira, distante pouco mais de 600 metros do Pretório e 100 metros fora dos muros da cidade, a noroeste. ⁽³⁴⁾ Deram-lhe a tomar, como narcótico, vinho misturado com mirra amarga como fel (cf. Sl 69,22). Ele não bebeu, apenas provou (cf. Sl 63,22), para chegar até ao último suspiro com plena consciência de si mesmo. ⁽³⁵⁾ Então crucificaram-no. Dividiram entre si as vestes do justicado (cf. Sl 22,19) e sobre a túnica inconsútil tiraram sorte para ver de quem seria. ⁽³⁶⁾ Sentaram-se ali por perto e montaram guarda a fim de que ninguém tentasse despregá-lo da cruz e, depois de morto, não fosse sepultado sem autorização, pois normalmente os cadáveres eram abandonados aos animais carnívoros e aves de rapina. ⁽³⁷⁾ Costumavam dependurar ao pescoço do condenado, a caminho da execução, uma tabuleta com o nome e crime de morte. Pilatos, por isso, ditou em latim, grego e hebraico a causa única de condenação, que era o se ter declarado o Messias, rei dos judeus. Foi assim redigida: "Este é Jesus, o rei dos judeus". ⁽³⁸⁾ Com ele foram crucificados dois bandidos (cf. Is 53,12), Dimas e Gesmas, um à direita, outro à esquerda; Jesus no meio, como o maior facinora. ⁽³⁹⁾ As pessoas amigas não era permitido aproximar-se (cf. 27,55). Toda outra gente que se movia por ali e que tinha pedido a morte para Jesus, meneando a cabeça em sinal de desprezo, o insultava como predisse o Sl 22,8-9, acrescentando às torturas físicas as amarguras do coração, sem uma palavra de conforto! ⁽⁴⁰⁾ Distorcendo as afirmações de Jesus, lançavam-lhe em rosto: - "Você que destrói o Santuário e o reedifica em três dias, salve-se a si mesmo agora, se é o Filho de Deus, e desce da cruz!" ⁽⁴¹⁾ Igualmente o Sinédrio, isto é, os sumos sacerdotes, com os escribas e anciãos, zombavam dele, dizendo: ⁽⁴²⁾ - "Salvou os outros e agora não consegue salvar a si mesmo! Ele é o rei de Israel? Pois desça agora da cruz, e acreditaremos nele." ⁽⁴³⁾ Pôs em Deus a sua confiança; que Deus venha livrá-lo agora, se de fato o ama, pois ele afirmou: - "Eu sou o Filho de Deus! (cf. 26,63-64)". ⁽⁴⁴⁾ Até os bandidos crucificados com ele o ultrajavam da mesma forma, no princípio os dois, depois um só (cf. Lc 23,39-41). Os inimigos de Jesus estão convictos de terem aniquilado o pretense Messias, Filho de Deus e Rei dos Judeus, que agora finda em situação de fracassado.

Questionário

32a - *Que sabe desse Simão?*

Um lavrador desconhecido (cf. Mc 15,21), pego de surpresa para acudir um condenado, mas que deve ter-se convertido com a família, pois Marcos o apresenta como "pai de Alexandre e Rufo", duas personagens destacadas na primeira comunidade cristã, (cf. Rm 16,13).

32b - *Jesus carregou sua cruz?*

Os condenados deviam levar a cruz ou ao menos a parte transversal, o patíbulo. Jesus, extenuado pela flagelação, coroação de espinhos e maus tratos prolongados, provavelmente levou só a parte horizontal.

34 - *Por que davam essa poção a beber?*

Por compaixão pelos condenados (cf. Lc 23,27), as mulheres mais influentes introduziram o costume de oferecer-lhes uma mistura de vinho com mirra, uma resina odorífera e amarga como fel, de árvore africana, um entorpecente para diminuir a consciência e a sensibilidade.

35 - *Como era a crucificação?*

Os romanos faziam que os condenados levassem descalços e nus o patíbulo, longo até 2,5 metros, pesando uns 50 quilos, com os braços abertos amarrados nele. Em consideração ao senso de pudor dos judeus, os soldados permitiram que Jesus continuasse vestido e, na cruz, não estivesse completamente nu. A haste vertical da cruz, medindo até 5 metros, encontrava-se já plantada no lugar do suplício, tendo um apoio de madeira, que o crucificado cavalgava para que o peso do corpo não rasgasse os punhos. Fustigavam a vítima para que andasse. Jesus caiu três vezes, indo de rosto no chão, sem ter como se amparar por estar de mãos amarradas ao lenho, que, ao menor movimento, esfolava os ombros e o dorso. No calvário, arrancaram-lhe a túnica colada às feridas, as quais então se laceraram. Com um golpe, ele é empurrado e cai de costas sobre o patíbulo. O carrasco lhe puxa o braço e apóia o joelho sobre a palma da mão de Jesus. Um prego quadrado, de metal, comprido 12 centímetros por 8 milímetros de espessura na parte superior, é cravado no pulso de cada mão com algumas marteladas. Jesus contrai fortemente o rosto porque o nervo mediano foi atingido, obrigando os dedos a se dobrarem. É inimaginável a dor de um tal prego atravessando o feixe de nervos dos pulsos. Dois carrascos põem de pé a vítima pregada de mãos ao patíbulo, que encaixam numa cava no alto da haste vertical, formando a cruz. Nesta posição, pendurado da cruz com o corpo todo pesando para baixo, os pulmões se enchem de ar, e não se consegue respirar. Cravaram-lhe um prego de 20 centímetros nos pés, o esquerdo sobre o direito, pouco mais de um metro do chão, dobrando um pouco os joelhos para cima. O condenado devia apoiar-se sobre o cravo dos pés, levantar o corpo para liberar o diafragma e soltar o ar dos pulmões a fim de não morrer asfixiado. Enquanto ele tem força para erguer o corpo, mantém-se vivo. O movimento de sobe e desce para conseguir respirar, recrudescer as dores e faz o sangue escorrer pelo corpo até o chão. Ao menor movimento, são dores insuportáveis. Cada vez que tenta levantar a cabeça, os espinhos da coroa tocam no lenho e se fincam mais. O rosto é uma máscara de sangue. Inteiramente desfigurado. A garganta seca, a boca sedenta e altíssima febre. Com torturante esforço, diz suas últimas palavras, sendo a primeira: "Perdoe-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem" (cf. Lc 23,34). Ainda pensa mais nos outros do que em si! Ama incondicionalmente! Entre convulsões, tremores e terrível crise de câimbras garante ao ladrão arrependido: "Hoje estará comigo no Paraíso" (cf. Lc, 23,43). Deixa-nos sua mãe como herança e a ela nos dá como filhos: "Mulher, eis aí seu filho! Filho, eis aí sua mãe!" (cf. Jo 19,26-27). Ao Pai: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonou?!" (cf. Mc 15,34). Daí a pouco: "Tenho sede" (cf. Jo 19,28). Em seguida: "Tudo o que foi escrito está consumado!" (cf. Jo 19,30). Por fim, com uma força superior às suas condições físicas, gritou: "Pai, em suas mãos entrego meu espírito!" (cf. Lc 23,46), e deu o último suspiro.

Os carrascos dividiram entre si o único bem material que Jesus deixou: a roupa do corpo. Mas o manto, certamente feito pelas mãos da mãe, por ser uma peça única, não o partiram; sim, tiraram a sorte para ver a quem tocaria.

Ser crucificado era o que de mais degradante e cruel podia acontecer a alguém. Para os judeus se constituía em "maldição divina" (cf. Gl 3,13) e "escândalo" (cf. 1Cor 1,23). A cultura pagã resistia a crer nessa "loucura" de um Deus que se quisesse humilhar tanto!

O Gólgota é pequeno morro que, hoje, reduzido a 5 metros, se conserva no interior da basílica do Santo Sepulcro em Jerusalém. No ano 135, o imperador Adriano erigiu aí uma estátua de um deus pagão para banir a lembrança de Jesus. Assim, inconscientemente, ele confirmou o lugar exato onde o Senhor dos cristãos foi crucificado.

37 - Qual a razão oficial da condenação de Jesus?

Diante das autoridades dominadoras, a afirmação feita por Jesus de ser rei dos judeus, tomada superficialmente, bastava para justificar a condenação. É a razão oficial apresentada ao público na inscrição afixada no alto da cruz por Pilatos, que, pessoalmente, não deu valor a essa acusação apresentada pelos judeus, porque Jesus deixou claro que seu reino não é deste mundo (cf. Jo 18,36). O governador, todavia, fraquejou diante da ameaça de ser acusado como não amigo de César.

42 - Se Jesus tivesse descido da cruz, seus inimigos se teriam convertido?

A cegueira e o ódio os dominavam tanto que não teriam mudado seus sentimentos, como não creram quando Lázaro saiu redivivo do túmulo e quando o próprio Jesus ressuscitou (cf. 28,11-15).

Lições de vida

Na casa de Caifás (cf. 26,67-68), Jesus foi ludibriado pelos compatriotas; depois, pelos pagãos. Se não tivesse acontecido, pareceria inimaginável o Todo-Poderoso ser reduzido ao maior aniquilamento possível. Tudo propiciado pelos nossos pecados. É a mais eloqüente demonstração do amor de um Deus e da gravidade do pecado, que é ofensa a um ser infinito. Não há parte de seu corpo sem as marcas da crueldade dos mortais. O Cristo que padece em nosso lugar deve ser objeto de nossa mais profunda e demorada contemplação. "Ele, que é de condição divina, não reivindicou o direito de ser equiparado a Deus, mas despojou-se a si mesmo, tomando a condição de escravo!" (cf. Fl 2,6-7). E Jesus suportou tudo em silêncio, porque seu amor por nós é maior que todas as torturas juntas! (cf. Is 53,2-7).

Oração

Jesus, vejo o Senhor mergulhado num mar de dores da cabeça aos pés, num mar de angústias por ouvir tantos insultos e constatar o endurecimento do coração de quem o odeia, e por se encontrar sozinho na hora mais dramática da vida, que é a da morte, pois as pessoas queridas são mantidas longe da cruz (cf. Mt 27,55). O que sustenta o Senhor é a certeza de que a tortura do Calvário se

transforma em marcha para a vitória final sobre o pecado e a morte. Peço-lhe que assista com sua graça os que, em qualquer lugar do mundo, estejam provando a amargura dessa hora angustiante. Que eles sintam a presença confortante do senhor. Amém.

Mt 27,45-56

Morte redentora

(cf. Mc 15,33-41; Lc 23,44-49 Jo 19,28-30)

⁽⁴⁵⁾ A partir do meio-dia, quando Jesus foi crucificado, a natureza se cobriu de luto até as 15 horas, pois um estranho escurecimento cobriu toda a terra de Jerusalém até o horizonte (cf. Am 8,9). ⁽⁴⁶⁾ Por volta das 15 horas, o acúmulo e violência das dores arrancaram de Jesus um lamento com voz forte, citando em hebraico as palavras do salmo 21 (22) canto profético de sua paixão: "Eli, Eli, lama sabaqtáni?", isto é, "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonou?" ⁽⁴⁷⁾ Alguns dos presentes, não entendendo bem o que ele falou, diziam: "Ele chama Elias em socorro." ⁽⁴⁸⁾ Mas um deles, movido de compaixão, correu a tomar uma esponja, que embebeu numa mistura de vinagre e água, chamada posca, de que se serviam os soldados para matar a sede; fixou-a na extremidade de uma vara e ofereceu-lhe de beber (cf. Sl 68,22), ⁽⁴⁹⁾ Outros, todavia, insensíveis a tudo, diziam: "Não lhe dê de beber. Espere. Vamos ver se Elias virá salvá-lo". ⁽⁵⁰⁾ E Jesus novamente deu um grito com voz forte, não própria de um moribundo, mas de quem é senhor de sua vida, e expirou. ⁽⁵¹⁾ No Templo de Jerusalém uma cortina bem grande separava o lugar mais sagrado, chamado Santo, do outro denominado Santo dos Santos, ou Santíssimo (cf. Ex 26,31-33), no qual conservavam com o máximo respeito à Arca da Aliança, sobre a qual Deus se fazia presente e dava suas ordens (cf. Ex 25,22), e junto da qual só o Sumo Sacerdote entrava uma vez por ano, no dia da expiação dos pecados. No momento da morte de Jesus, essa cortina rasgou-se em duas de alto a baixo, enquanto os sacerdotes imolavam os cordeiros para a Páscoa do dia seguinte; a terra tremeu e as rochas se fenderam; ⁽⁵²⁾ abriram-se as sepulturas de vários corpos de santos do Antigo Testamento; depois da ressurreição dele, despertaram demonstrando mais fortemente ainda a eficácia da morte do Senhor, ⁽⁵³⁾ saíram ressuscitados dos seus sepulcros, entraram na cidade do Santuário (Jerusalém) e apareceram a muitas pessoas. ⁽⁵⁴⁾ À vista do terremoto e desses acontecimentos incomuns que sacudiram a natureza, o centurião romano e seus soldados da guarda de Jesus foram tomados de grande medo. Lembrados de que Jesus foi condenado por se declarar o Filho de Deus, agora, depois de ouvirem a sua súplica pelo perdão dos algozes e o forte brado invocando o Pai no último suspiro, confessaram abertamente, embora não penetrando todo o mistério: "Este era verdadeiramente o Filho de Deus!" Foi o primeiro fruto da oração de Jesus em favor de seus opositores sinal de que o reino de Deus será formado pelo povo que, do paganismo, se abrirá para a fé cristã. ⁽⁵⁵⁾ Ali se achavam também, observando de longe, algumas dedicadas mulheres que vinham acompanhando Jesus desde a Galiléia, prestando-lhe assistência em toda parte (cf. Lc 8,2-3). ⁽⁵⁶⁾ Entre outras, Maria Madalena, Maria,

mãe de Tiago Menor e de José e esposa de Cléofas (cf. Mt 13,55) e prima da mãe de Jesus, com Salomé, mãe dos filhos de Zebedeu.

Questionário

45 - *Essas trevas não seriam um eclipse?*

Era tempo de lua cheia, que torna impossível o eclipse.

46a - *Jesus sempre inicia suas preces dizendo "Pai" (cf. Mt 6,9; 11,25; Lc 22,42; 23,34-40; Jo 17,1). Por que agora diz "Deus" e não "Pai"?*

Simplesmente porque ele está rezando textualmente o salmo 21 (22) como foi escrito, salmo messiânico e profecia do que está acontecendo agora. Provavelmente Jesus continuou rezando o salmo inteiro em voz sumida.

46b - *Interprete a queixa de Jesus.*

Foi um desabafo natural de um servo sofredor, mas resignado. Coberta dos pecados da humanidade inteira do presente, do passado e do futuro, a natureza humana de Jesus, engolfada num mar de dores e angústias sem limite, sentiu o desamparo de Deus, isto é, a atitude de o Pai deixar Jesus entregue aos maiores sofrimentos sem interferir para libertá-lo. Não se desesperou, pois a oração, embora possa ser amarga queixa, é sempre sinal de confiança na presença do Pai.

46c - *Esta é a 4ª palavra de Jesus na cruz. Conhece as outras?*

São sete as últimas palavras de Jesus crucificado: 1ª) "Pai, perdoe-lhes porque não sabem o que fazem" (cf. Lc 23,34); 2ª) "Hoje você estará comigo no paraíso" (cf. Lc 23,43); 3ª) "Mulher, eis aí seu filho", "eis aí a sua mãe" (cf. Jo 19,26-27); 4ª) "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonou?" (cf. Mc 15,34; Mt 27,46); 5ª) "Tenho sede" (cf. Jo 19,28); 6ª) "Tudo está consumado" (cf. Jo 19,30); 7ª); "Pai, em suas mãos entrego meu espírito" (cf. Lc 23,46).

51a - *Esse rasgamento do véu é sinal do quê?*

De um lado revela a eficácia da morte do Redentor, em virtude da qual o céu, verdadeiro Santo dos Santos, até então fechado aos homens pelo pecado, foi-lhes aberto para que todos os homens, sem exceção, possam ter acesso à presença de Deus (cf. Hb 6,19-20; 10,19-20). De outro lado, é sinal de que às figuras proféticas sucedeu a realidade: a lei de Moisés, no tocante ao culto, e seu sacerdócio cessaram (cf. Hb 6,19; 10,20), abolidos para sempre, dando seu lugar à nova ordem de coisas com o Novo Testamento, firmado definitivamente entre Deus e a humanidade e selado com o sangue do Salvador.

51b - *As rochas se fenderam. É fato histórico?'*

Até hoje pode ser vista e tocada dentro da igreja do Santo Sepulcro essa fissura de 25 centímetros na rocha do Calvário, montículo de 5 metros de altura. Um atestado da comoção da natureza ante a morte do seu Senhor.

52-53 - *Temos como explicar essas estranhas ressurreições?*

Algumas Bíblias traduzem assim o versículo 53: "e, saindo dos túmulos depois da ressurreição dele (Jesus), entraram na cidade..."; outras dizem: "e, saindo

dos túmulos depois da ressurreição deles (os santos), entraram na cidade..." Esta diferença dificulta a solução. Vejamos tentativas de interpretação. 1) Alguns (poucos) julgam que se trate apenas de aparições desses santos. Mas contra este parecer está claro o texto sagrado repetindo: "ressuscitaram". 2) Outros opinam que, à morte de Jesus, esses santos reviveram como Lázaro (cf. Jo 11) para tornarem a morrer um dia. Mas como explicar que os Atos dos Apóstolos não cite nenhum de tão eminentes personagens entre os da primeira comunidade de Jerusalém? 3) Há os que pensam que à morte de Jesus esses santos ressuscitaram definitivamente, com seus corpos glorificados. Mas contra esta sentença está a Escritura que garante ser Jesus "o primogênito dentre os mortos" (cf. Cl 1,18; Ap 1,5), isto é, o primeiro que morreu e ressuscitou glorificado. 4) Finalmente, apresenta-se este parecer: à morte de Jesus, por força do terremoto, sepulcros se abriram, mas somente quando Jesus ressuscitou é que aqueles santos foram por ele ressuscitados, com os corpos não mais sujeitos às leis da matéria e sim dotados das novas propriedades dos corpos glorificados. E antecipando a ressurreição do fim dos tempos. Embora esta explicação agrade, o acontecimento permanece envolto em mistério. Basta-nos entender o sinal: esses ressuscitados são um eloqüente atestado de que a morte de Jesus nos arrebatou da região dos mortos para a nova vida, em plena comunhão com Deus.

55-56a - *Poucos amigos de Jesus estavam no Calvário. Quais?*

Além de Maria Madalena, de Maria, mãe de Tiago Menor e de José e esposa de Cléofas, e de Salomé, mãe de Tiago maior e João Evangelista e esposa de Zebedeu, estavam o próprio João Evangelista e Maria, mãe de Jesus (cf. Jo 19,25-26). De outras mulheres presentes, não sabemos o nome (cf. Mt 27,55; Mc 15,41).

56b - *Que importância apostólica tem esse grupo feminino?*

Essas mulheres acompanhavam Jesus com os apóstolos para cuidarem principalmente da alimentação e da roupa. A esse grupo Lc 8,1-3, acrescentam-se Joana e Susana, que provavelmente se achavam no Calvário. Elas difundiam também os ensinamentos de Jesus, de modo especial entre as mulheres e crianças. Surgiu assim o PRIMEIRO GRUPO APOSTÓLICO FEMININO, inaugurado por Jesus, num tempo em que o trabalho da mulher se confinava ao lar.

Lições de vida

a) A queixa de Jesus naquele abismo de dor ensina a nunca desesperarmos e que o lamento feito com amor em oração é sinal de confiança, dessa confiança que impregna todo o salmo 21 (22), do qual destacamos os seguintes pensamentos proféticos: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonou? Injuriado pela gente, rejeitado pelo povo, todos os que me vêem zombam de mim, caçoam e meneiam a cabeça (dizendo): 'Volta-te para o Senhor. Que ele o liberte, que o livre, já que o ama'. Todos os meus membros se desconjuntam. Minha língua se cola ao céu da boca. Um bando de malfeitores me rodeia. Transpassaram minhas mãos e os pés, posso contar todos os meus ossos. Olham-me, espionam-me, repartem entre si as minhas vestes e sorteiam minha túnica".

A oração de Jesus é uma queixa suplicante. De fato, logo mais ele disse com paz interior: "Tudo está consumado!" (cf. Jo 19,30), e sua última palavra: "PAI, em suas mãos entrego o meu espírito!" (cf. Lc 23,6).

b) - "Por que vocês prestam culto a um Jesus morto? Nós só apresentamos o Salvador vivo".

Assim diz quem não aceita o CRUCIFIXO que trazemos no peito e no altar, que nos fala mais alto do que todos os monumentos do mundo. Ele nos questiona e nos revela as exigências mais radicais do Evangelho postas em prática. E convém saber que o corpo morto de Jesus (não sua imagem), mesmo no túmulo, não perdeu a divindade; por isso deve ser adorado.

O assunto é particularmente oportuno na Semana Santa, quando celebramos com carinho a morte redentora de Jesus e beijamos com mais amor o crucifixo. Este não nos lembra só um morto, mas alguém que foi pregado na cruz e, por fim, morreu. O crucifixo é objeto de devoção e das mais profundas meditações sobre o Salvador da humanidade. Não é bem entendido porque o mundo não sabe, como ele, amar sem limites: a medida do amor é amar sem medida. Deus infinito, não tendo como crescer para cima e ser mais, cresceu para baixo... Indo até o limite extremo da possibilidade de ocupar o ínfimo lugar, aniquilou-se a si mesmo na condição de escravo... Até à morte, e MORTE DE CRUZ!" (cf. Fl 2,7). S. Paulo trazia sempre na mente a MORTE de Jesus e convidava os cristãos a fazerem o mesmo. "Fomos reconciliados com Deus mediante a MORTE de seu Filho" (cf. Rm 5,10). "Sejam meus imitadores, irmãos, porque há muitos por aí que se portam como INIMIGOS DA CRUZ DE CRISTO" (cf. Fl 3,17-18). "Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi IMOLADO" (cf. 1Cor 5,7), "morreu pelos nossos pecados" (cf. 1Cor 15,3). "Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores" (cf. Rm 5,8), "morreu e ressuscitou" (cf. Rm 14,9; 1Ts 5,14). Como se vê, os apóstolos não perdiam a lembrança salutar da morte do Senhor. Não eram avessos à cruz dele.

E o Apocalipse? "Jesus Cristo... é o primogênito dos mortos... que com seu sangue nos lavou dos nossos pecados" (cf. Ap 1,5). Primogênito porque ele "ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram" (cf. 1Cor 15,20). "Estive MORTO, mas eis que estou vivo!" (cf. Ap 1,18). "Digno é o Cordeiro que foi IMOLADO de receber... o louvor" (cf. Ap 5,12). Vendo o sangue do Cordeiro IMOLADO, os mártires "relativizaram suas vidas até o ponto de aceitarem a morte" (cf. Ap 12,11). Então, meditar Cristo crucificado e morto por nós fortalece a fé dos cristãos de todos os tempos.

O próprio Jesus três vezes alertou os apóstolos que ele "ia ser MORTO e, ao terceiro dia, ressuscitar" (cf. Mt 16,21; 17,23-24; 20,18). Logo, não podemos esquecer a morte do Senhor da vida. Que Jesus fosse morto parecia um absurdo até para os apóstolos. A primeira vez que Jesus lhes fez essa profecia, Pedro, interpretando o pensamento dos colegas, levou o Mestre em separado e o repreendeu:

- "Deus o livre da tal coisa, Senhor! Isso não pode acontecer!" (cf. Mt 16,22). Jesus foi severo com Pedro:

- "Saia da minha frente, Satanás! Você é para mim um estorvo" (no cumprimento do plano da salvação). "Seu modo de pensar não é o de Deus, mas dos homens" (cf.

Mt 16,23) que não entendem o valor da minha morte expiatória para redimir a humanidade da morte eterna.

Pedro e os companheiros calaram-se, mas continuaram tristes porque não entendiam o mistério. Jesus precisou revelar a três deles esse enigma. Levou Pedro, Tiago e João a um alto monte, transfigurou-se diante deles mostrando um pouco de sua glória após morrer; fê-los ouvir a conversa com Moisés e Elias sobre a MORTE de Jesus (cf. Lc 9,31) como caminho para a sua glorificação total. Era claro o ensinamento: Jesus transformou a cruz de sua morte em árvore da Vida (cf. Gn 2,9), cujo fruto é ele mesmo. A Árvore da Vida, perdida desde o pecado de origem, nos é restituída agora pelo Novo Adão. Sacrossanta MORTE de Jesus, ela é nossa VIDA! Como poderíamos esquecê-la? "A linguagem da cruz é tolice para os que se perdem, mas... para nós é o poder de Deus! Pregamos um Messias CRUCIFICADO... sabedoria de Deus! Resolvi nada saber entre vós a não ser Jesus Cristo, mas Jesus Cristo CRUCIFICADO!" (cf. 1Cor 1,17; 23-24; 2,2). A meditação da morte redentora do Senhor nos torna sábios nas coisas de Deus. A maior prova de amor não conheceríamos se ele não tivesse MORRIDO CRUCIFICADO! (cf. Jo 15,13). Suportar a condenação injusta e a mais sofrida e humilhante morte sem diminuir em nada o amor que devotava aos homens, mesmo inimigos, é dar testemunho de um amor que chega ao fim último da possibilidade de doação: "Amou-os até o fim!" (cf. Jo 13,1). Não convinha nos faltasse esta prova máxima. Foi por isso que, quando pela natureza humana Jesus orou para afastar a morte de cruz, não foi ouvido (cf. Mc 14,36).

Os santos, nossos grandes modelos de vida cristã, detinham-se em longas meditações e contemplações diante de Jesus morto na cruz, esse Cordeiro que foi morto e, com seu sangue, resgatou a humanidade. É um livro escrito por dentro e por fora (cf. Ap 5,1.6.9). É preciso ler o Crucificado por dentro e por fora. Por dentro, lemos o infinito amor do seu coração, como vimos acima; a angústia mortal do Getsêmani; a condenação à morte. Por fora, lemos a flagelação, a coroação de espinhos, as cusparadas no rosto, os ferimentos provocados pelo carregamento do patíbulo e as cinco chagas das mãos, dos pés e do peito.

Um exemplo singular de quem o lia bem, Pedro Crisólogo, um santo do século V, meditando o Crucificado, perguntava a si mesmo: "Por que sofrer tanto, se um simples ato seu bastaria para pagar a dívida dos nossos pecados?" "Existia uma conta contra nós a ser paga; ele a cancelou... pregando-a (pelo seu corpo) na cruz" (cf. Cl 2,14). E o santo sentiu que Jesus lhe dizia da cruz o que de mais sublime podemos imaginar: "Talvez os perturbe a enormidade dos meus sofrimentos causados por vocês. Não tenham medo. Esta cruz não me feriu a mim, mas feriu a morte! Estes cravos não me provocam dor, mas cravam mais profundamente em mim o amor por vocês! Estas chagas não me fazem soltar gemidos, mas introduzem vocês ainda mais intimamente em meu coração! Meu corpo, ao ser estirado na cruz, não aumenta o meu sofrimento, mas dilata os espaços do coração para acolher vocês! Meu sangue não é uma perda para mim, mas é o preço do resgate de vocês!"

Seja-nos permitido acrescentar: a cruz feriu Jesus, sim; os cravos provocaram-lhe dor, sim; as chagas fizeram-no gemer, sim; o corpo na cruz aumentou-lhe o sofrimento, sim; ele perdeu todo o sangue, sim. Mas seu imenso amor fê-lo pôr a

atenção apenas na graça da vida de união com Deus que suas dores geraram para nós, pecadores! "Se o grão de trigo... MORRER, produzirá fruto em abundância" (cf. Jo 12,24).

O anjo que rolou a pedra do sepulcro de Jesus, tratou com carinho as mulheres que pretendiam cuidar do corpo do Senhor. Entre outras coisas, disse-lhes o anjo: "Sei que vocês procuram Jesus, o CRUCIFICADO... ele ressuscitou!" (cf. Mt 28,5-6).

Pedro, cheio do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, não teve medo de dizer à multidão dos judeus: "A esse Jesus que vocês MATARAM cravando-o na cruz... Deus o ressuscitou... Deus estabeleceu como Senhor e Messias a esse Jesus por vocês CRUCIFICADO" (cf. At 2,23-24). Escrevendo aos cristãos, Pedro não queria que esquecessem a grande verdade: "Vocês foram resgatados... pelo sangue precioso de Cristo... que MORREU pelos nossos pecados, o Justo pelos injustos, para nos conduzir a Deus" (cf. 1Pd 1,18-19; 3,18).

Quanto mais medito em sua morte, mais ele invade minha vida.

Oração

Senhor Jesus, eu me confundo contemplando-o na cruz, nesse mar de torturas, de angústias, de escárnios, de descrença, de abandono, cravado de mãos e pés num lenho, gemendo, pedindo água, derramando todo o sangue e, apesar de tudo, continuando a me amar e suportando tudo como preço do meu resgate. Senhor, eu não sei amar assim. Custa-me tanto aprender essa espantosa lição de amor. Ensine-me a viver buscando a felicidade na doação aos outros. Bendita morte do meu Senhor, sacrossanta morte que se tornou vida para mim, perdão para os meus erros e direito à herança da vida eterna, onde não haverá cruz, nem morte, nem ódio, mas só plenitude de amor. Mil vezes obrigado, Senhor Jesus, crucificado em meu lugar. Cada vez que eu beijar o crucifixo, entendo dizer: obrigado, Senhor! Quero fazer minha a prece de S. Agostinho: "Inscrevei, Senhor, no meu coração as vossas cinco chagas, para que, lendo nelas o vosso amor, relativize todo amor da terra, e lendo nelas os vossos sofrimentos, por vós sofra quaisquer tormentos."

Mt 27,57-66

Sepultamento apressado

(cf. Mc 15,42-47; Lc 23,50-56; Jo 19,38-42)

⁽⁵⁷⁾ Ao cair da tarde, entre 15 e 18 horas, chegou um homem rico natural de Arimatéia (antiga Ramataim, hoje Rentis), a 8 quilômetros a nordeste de Jerusalém,

chamado José, que, apesar de sinedrasta, tornara-se discípulo de Jesus veladamente (cf. Jo 19,38) por medo dos chefes judeus. Um homem reto (cf. Lc 23,50).⁽⁵⁸⁾ A fim de evitar que o cadáver de Jesus fosse abandonado na cruz como faziam os romanos, ou atirado na fossa comum, conforme costume dos judeus, apressou-se corajosamente (cf. Mc 16,43) a pedir a Pilatos permissão para o sepultamento antes de o sol se pôr, porque então seria sábado, dia de guarda, e porque o Dt 21,23 proibia ficarem na cruz até à noite os corpos dos condenados. Pilatos, depois de ter recebido do centurião romano o comunicado oficial da morte de Jesus, deu ordem que lho entregassem. Sem autorização especial, os guardas impediam que alguém retirasse o corpo de um condenado.⁽⁵⁹⁾ José comprou um lençol (sudário) limpo (cf. Mc 15,46), de linho, e, ajudado por Nicodemos, outro sinedrasta, que trouxe unguentos (cf. Jo 19,39), retirou o corpo da cruz, untou-o às pressas, envolveu-o no lençol⁽⁶⁰⁾ e o depôs no sepulcro totalmente novo, que ele havia mandado abrir para si no rochedo de sua propriedade, rente ao Calvário; rolou uma grande pedra em forma de mó na entrada do túmulo e retirou-se. Estava-se pondo o sol, dando início ao sábado, dia do severo repouso judaico.⁽⁶¹⁾ Maria Madalena e Maria, mulher de Cléofas, permaneceram sentadas diante do sepulcro.⁽⁶²⁾ Deu-se isto na sexta-feira, dia que, para os judeus, era de preparação de tudo o que necessitavam para o sábado, quando se proibia qualquer tipo de trabalho, mesmo cozinhar. Sábado cedo, os chefes dos sacerdotes e dos fariseus, sabendo que Jesus prometera ressuscitar, lembrando os estranhos fenômenos da véspera e tendo conhecimento de que dois homens de prestígio, José e Nicodemos, haviam dado um sepultamento honroso a Jesus, temeram que a vitória se convertesse em derrota. Uniram-se e foram ter com Pilatos, dizendo-lhe:⁽⁶³⁾ - "Senhor governador, sabemos que aquele sedutor das multidões declarou enquanto vivia: 'Depois de três dias ressuscitarei'.⁽⁶⁴⁾ Ordene que o sepulcro seja vigiado com segurança por um piquete de soldados até ao terceiro dia; não aconteça que seus discípulos venham furtá-lo e digam ao povo: 'Ele ressuscitou dos mortos'. Esta última impostura seria pior do que a primeira.⁽⁶⁵⁾ Pilatos respondeu-lhes, meio agastado: - "Vocês já dispõem de um corpo dos meus soldados escalados para abafar tumultos nestes dias de festa. Sirvam-se deles para vigiar o sepulcro com segurança do jeito que quiserem".⁽⁶⁶⁾ Eles foram pôr o sepulcro em segurança: selaram a pedra da entrada com uma fita de pano lacrada com o carimbo do governador e postaram um corpo de guardas para que não fosse possível roubar o corpo.

Questionário

59a - José fez sozinho o sepultamento?

Jo 19,39-40 escreve que José foi ajudado por outro cristão do Sinédrio, chamado Nicodemos (cf. Jo 7,50; 3,1s), que providenciou os unguentos para o corpo de Jesus. Foram os únicos do Sinédrio a aderirem a Jesus.

59b - Como eram esses sepulcros?

As pessoas de posse escavavam os sepulcros familiares em rochas de suas propriedades. Constavam de um pequeno espaço chamado vestíbulo, onde pranteavam seus mortos; uma porta baixa e estreita dando acesso à câmara sepulcral; à direita desta, um banco em pedra onde depositavam o cadáver. Uma

grande pedra circular, chamada gobel, em forma de mó, que uma pessoa não conseguia mover, corria por uma canaleta cavada no pavimento e fechando a entrada.

60 - *Era necessário um sepulcro novo. Por quê?*

Um supliciado não podia ocupar um túmulo usado, porque, segundo a mentalidade do tempo, profanaria os ossos das pessoas boas que tivessem sido enterradas ali. Há também uma preocupação apologética: ninguém poderá afirmar que o ressuscitado foi outro, e não Jesus. Nenhum outro ocupou esse túmulo, o mais sagrado e visitado do mundo!

61 - *Qual era a intenção dessas mulheres?*

Queriam voltar ao sepulcro, logo passado o sábado, para terminarem as unções funerárias do corpo conforme o costume (cf. Mc 16,1; Lc 24,55-56), trabalho feito sumariamente na sexta-feira à tarde, pela urgência do tempo útil.

Lições de vida

Os corpos dos supliciados eram deixados sem sepultura, entregues aos animais e aves de rapina na cruz ou na vala comum. O de Jesus teve um sepultamento honroso, graças à iniciativa e coragem de José de Arimatéia. Só com especial autorização do chefe de Estado conseguia-se que o corpo de um condenado não ficasse abandonado. José de Arimatéia prevaleceu-se de sua posição como membro do Supremo Conselho nacional, o Sinédrio (hoje, Senado), assumiu com coragem os riscos e responsabilidade do ato, pediu pessoalmente e obteve de Pilatos um digno sepultamento para o seu Mestre e Senhor. Se Jesus tivesse sido executado pelos chefes judeus, a ninguém seria concedido que o sepultasse.

O Senhor do mundo não tinha um palmo de terra onde cair morto!!!

Oração

Obrigado, José de Arimatéia, obrigado em nome dos cristãos de todos os tempos e nações. Rico não só de bens materiais, mas de grandeza de coração e de alma! Por sua coragem Jesus teve, não de seus contrários, mas de alguém da comunidade cristã, um sepultamento honroso, prenúncio de seu próximo triunfo sobre a morte e o mal. José, o senhor aceitou o desafio desse momento crítico e saiu de seu anonimato sem temer a oposição do inflexível Sinédrio em peso, para uma atitude arriscada, que, no entanto, o imortalizou. Aliás, quando o Sinédrio deliberou matar Jesus, o senhor já se tinha manifestado contra a condenação (cf. Lc 23, 50-51), mostrando quanto amava a Jesus no maior foco de ódio contra ele. Peço que me alcance não ter medo de me revelar cristão, quando tudo está em desfavor. Amém.

CAPÍTULO 28

Mt 28,1-7

O sepulcro vazio; 8-10 aparece às mulheres; 11-15 suborno dos guardas

(cf. Mc 16,1-8; Lc 24,1-10; Jo 20,1. 11-18)

⁽¹⁾ Passado o sábado, bem cedo, estando ainda escuro e começando a aurora do primeiro dia da semana, entre outras mulheres, Maria Madalena e Maria, mulher de Cléofas e mãe de Tiago e João, foram ver o sepulcro. Pretendiam completar com aromas a preparação fúnebre do corpo de Jesus (cf. Mc 16,1). ⁽²⁾ Antes de lá chegarem, deu-se um grande terremoto, sinal de intervenção da força divina. O anjo que age e fala em nome do Senhor desceu do céu e rolou a pedra da abertura do sepulcro para que pudesse ser visto o lugar onde estivera o corpo do Senhor. É que Jesus já havia ressuscitado, saindo do túmulo sem romper os selos. O mensageiro celeste sentou-se sobre a pedra. ⁽³⁾ Seu aspecto era como o relâmpago e sua vestimenta, branca como a neve. ⁽⁴⁾ Sob a ação do terremoto e à vista do anjo, os guardas tremeram estarecidos e ficaram como mortos. ⁽⁵⁾ Por sua vez, o anjo tomou a palavra, deu às mulheres assustadas a grande notícia e confiou-lhes uma missão para os apóstolos: - "Não tenham medo vocês. Sei que por amor estão procurando Jesus, o crucificado. ⁽⁶⁾ Ele não está mais aqui, porque ressuscitou como havia predito. Venham ver dentro do sepulcro o lugar onde ele jazia". ⁽⁷⁾ E, como os apóstolos deveriam voltar à Galiléia após a oitava pascal, o anjo continuou: - "Depois disto, vão depressa anunciar aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos e fará vocês voltarem à Galiléia para um grande encontro, como prometeu na Última Ceia (cf. 26,32). É lá que todos irão vê-lo convivendo de novo com vocês. É o que tenho a lhes dizer". ⁽⁸⁾ Elas chegaram no sepulcro e o viram vazio. Sem poder conter o espanto, a alegria e emoção pela esplendorosa vitória de Jesus sobre a morte, no primeiro momento esconderam-se (cf. Mc 15,8). Pouco depois, saíram correndo a dar aos apóstolos no cenáculo o primeiro anúncio pascal, mas ninguém acreditou nelas (cf. Lc 24,11). ⁽⁹⁾ A caminho de volta, Jesus em pessoa veio ao encontro delas com a saudação: - "A paz esteja com vocês!" Elas o reconheceram. Imediatamente, correram para perto e prostraram-se diante dele, abraçando-lhe os pés em gesto de veneração. ⁽¹⁰⁾ Então Jesus dirigiu-lhes palavras de grande ternura e reafirmou a missão dada a elas pelo anjo em favor dos apóstolos. Como que esquecido da infidelidade deles durante a Paixão e conhecendo o estado de extremo abatimento moral e incredulidade sobre a Ressurreição, Jesus chama-os não mais amigos, mas irmãos, dizendo às mulheres: - "Não tenham medo! Voltem a anunciar a meus irmãos que eles devem ir à Galiléia, onde vive a maior parte dos meus seguidores. É lá que todos me verão (cf. 28,16-20), não já em pequenos grupos ou em caráter particular como aqui em Jerusalém, mas comunitariamente, para que eu termine de instruí-los nas coisas de Deus lá onde iniciei minha missão". ⁽¹¹⁾ Enquanto elas voltavam para os apóstolos, alguns homens da guarda, recuperados do temor pelo terremoto e pela visão do anjo removendo a pedra do sepulcro, foram à cidade para

contar aos chefes dos sacerdotes tudo o que tinha acontecido. ⁽¹²⁾ Os membros do Sinédrio reuniram-se em conselho extraordinário e deliberaram dar uma vultosa soma de dinheiro aos soldados, ⁽¹³⁾ subornando-os e dando-lhes esta ordem: - "Vocês dirão assim: 'Seus discípulos vieram de noite e o furtaram enquanto nós dormíamos'. ⁽¹⁴⁾ E se o fato chegar aos ouvidos do governador, nós o aplacaremos e ajeitaremos tudo de tal modo que vocês não sofram as penas legais". ⁽¹⁵⁾ Os soldados receberam o dinheiro e procederam de acordo com as instruções recebidas. Assim esta versão divulgou-se entre os judeus descrentes até este dia em que encerro meu evangelho.

Questionário

1 - Só duas mulheres foram ao sepulcro? E o que pretendiam fazer?

Além de Maria Madalena e de Maria, mulher de Cléofas, Mc 16,1 e Lc 24,10 acrescentam respectivamente Salomé e Joana. Queriam completar com aromas a preparação fúnebre do corpo de Jesus (cf. Mc 16,1; Lc 23,56).

7 - Que sentido tem esse "preceder", dito por Jesus?

As afirmações: "Ele precederá vocês na Galiléia", como em 26,32 ("[...] eu precederei vocês na Galiléia"), podem confundir-nos. Georges Chevrot, no livro *A vitória da Páscoa*, esclarece que o verbo traduzido por "preceder", na maioria das vezes, significa "fazer voltar". Assim, torna-se claro o pensamento: "Eu farei vocês voltar à Galiléia" (26,32), e "Ele, ressuscitado, fará com que voltem à Galiléia (28,7) para um encontro especial diante de 'mais de quinhentos irmãos'" (1Cor 15,6; Mt 28,16).

9 - Jesus apareceu às mulheres antes ou depois de elas terem dado o recado do anjo aos apóstolos?

Depois. Se Jesus lhes tivesse aparecido antes, elas teriam falado do seu encontro com ele. Mas só falaram do seu encontro com o anjo (cf. Lc 24,23). Jesus lhes apareceu quando elas voltavam do cenáculo, depois de cumprida a ordem do anjo.

10 - Por que a insistência do aparecimento na Galiléia?

Porque lá começou sua missão (cf. 4,12-17); porque lá vivia o maior número que creu nele e para evidenciar que quem apareceu era o mesmo Jesus de Nazaré.

11 - Tem valor esse testemunho dos soldados aos inimigos de Jesus?

O testemunho desses militares reveste-se de um valor único. É garantia histórica da Ressurreição, porque não se pode suspeitar que tivessem algum interesse em mentir, uma vez que a lei mandava punir com severas penas as sentinelas faltosas ao dever de vigilância. Os chefes do povo compreenderam que, apesar de todas as precauções tomadas, Jesus lhes escapara das mãos ressurgindo. Mais uma vez fecharam os olhos à luz e se protegeram com uma mentira fortalecida com o suborno: compra e venda, como já tinham negociado a morte de Jesus (cf. 26,14-16). É a perene luta da mentira contra a verdade. S. Agostinho comenta: - "Oh frágil astúcia! Apresenta-nos testemunhas que dormiam!".

13 - Como pretendiam aplacar Pilatos?

Também subomando-o com dinheiro (cf. At 24,26).

15 - Em que ano Mt encerrou seu Evangelho?

Antes do ano 70.

Lições de vida

Jesus fez das mulheres as primeiras evangelistas da Ressurreição e conseqüente vida nova, sem considerar que o testemunho feminino não era reconhecido diante da lei. Aliás, foi por influência dessa lei que a pregação evangélica, levada a efeito por homens, tomou como base o aparecimento de Jesus a Pedro (cf. Lc 24,34-36) e não às mulheres.

As aparições do Ressuscitado são as experiências que a Igreja primitiva teve de Cristo vencedor da morte. Os quatro evangelistas descrevem a Ressurreição de Jesus por ser a verdade-coração da fé cristã, o núcleo mais antigo do anúncio da redenção inaugurada na Encarnação e consumada na cruz.

Ressurreição não é reanimação do cadáver, como o de Lázaro; não é retorno às condições biológicas de uma nova vida terrena, como a suposta reencarnação; não é projeção de uma imagem gravada no inconsciente, pois os apóstolos nada entendiam de ressurreição (cf. Mc, 9,10) e só foram levados a crer nela, vencidos pela evidência quando o viram.

A Ressurreição torna patente o que estava secreto em Jesus: ele é Deus! Sua existência não começa com o nascimento em Belém nem termina com a morte na cruz (cf. Jo 8,58). Agora ele é diferente: não mais sujeito às leis da matéria, do espaço e do tempo. Goza de liberdade nova, desconhecida na terra. Sua natureza humana elevada à existência espiritual; um corpo absorvido pelo espírito; não mais um corpo animal. E este é o destino do nosso corpo: a carne humana chamada a partilhar a vida de Deus! É a conseqüência de o Verbo se ter feito carne (cf. Jo 1,14). Ele continuará eternamente a ser humano junto aos homens salvos por ele. É a redenção total, a nossa transfiguração para a condição humana definitiva.

Frutos da Ressurreição: 1) dá valor decisivo às palavras, atitudes e ações de Jesus. 2) É a redenção do nosso corpo (cf. Rm 8,23) que ressuscitará como o dele (cf. 1Cor 15,20-22.52-54). 3) Ilumina a realidade da morte como caminho para a plenitude da vida, o estado definitivo e maturação da pessoa humana. 4) O demônio, o pecado, o mal não dominam mais de maneira irreparável! A história não caminha para a falência! Haverá ainda pecado, ódio, divisões, erros, injustiças, guerras, mas não serão o triunfo final! Não dirão a última palavra, que será esta: "O Descendente da mulher te esmagará a cabeça!" (cf. Gn 3,15). 5) Não teria sentido a celebração eucarística se estivéssemos exaltando o corpo de um defunto: "Ele é o Primogênito dos mortos" (cf. Cl 1,18; 1Cor 15,20; Ap 1, 5).

Oração

Mil vezes obrigado, Jesus, porque, pela dupla vitória sobre a morte espiritual (o pecado) e a corporal, o senhor eliminou o destino de condenação que pesava sobre toda a humanidade não remida e nos abriu as portas da eternidade. Pela nossa conversão, fé e batismo voltamos a ser o homem novo como Deus o concebeu desde toda a eternidade, chamado a viver em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Arranque-nos à nossa noite, ó luz de Jesus Cristo !

Mt 28,16-20

Aparição na Galiléia e missão universal

(cf. Mc 16,15-16)

⁽¹⁶⁾ Quanto aos apóstolos, os onze foram para a Galiléia, ao monte ao qual Jesus lhes havia ordenado ir. ⁽¹⁷⁾ Ao verem o Senhor ressuscitado, eles e toda a multidão que os acompanhava (cf. 1Cor 15,6) prostraram-se por terra adorando-o, isto é, reconhecendo sua divindade, mesmo aqueles que antes não creram nas testemunhas das aparições (cf. Mc 16,11-13; Lc 24,11-41; Jo 20,25; At 1,6). ⁽¹⁸⁾ Jesus aproximou-se deles e dirigiu-lhes esta despedida: - "Na qualidade de Salvador, conquistei com meu sangue o direito de todos os homens voltarem para Deus, e com minha ressurreição venci a morte. Por isso, como homem foi-me dado pelo Pai todo poder no céu e na terra (cf. Sl 2,8; Dn 7,19; Fl 2,9), sobre todas as criaturas visíveis e invisíveis. ⁽¹⁹⁾ Em virtude desta autoridade que me constitui Senhor do universo, confio a vocês esta missão, prolongamento da minha, já concluída: vão pelo mundo inteiro; façam que todos os povos, inclusive Israel, se tornem discípulos meus, cumprindo as profecias (cf. Is 42,6; 45,22-23; 49,6). Consagrem-os ao serviço de Deus batizando-os em nome e autoridade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, para imergi-los na plenitude da vida divina (cf. Jo 3,3.7) e estabelecer uma relação pessoal e íntima com a Trindade Santa (cf. Jo 14; 23; Gl 3,27), fazendo parte do meu povo consagrado, reunidos num único Reino de amor (cf. Sl 2,8; 7,14), ⁽²⁰⁾ e ensinando-os a viver tudo o que ordenei a vocês. Quanto a mim, lembrem-se que estarei sempre com vocês todos os dias, com minha assistência eficaz, para poderem cumprir esta missão até o fim dos tempos, apesar de todas as perseguições".

Questionário

Quem, em *primeiro lugar*, recebeu a notícia da Redenção, fruto da morte de Jesus?

Os do Antigo Testamento retidos no cárcere (limbo), a quem Jesus foi pregar quando acabou de morrer (cf. 1Pd 3,19; Ef 4,9) e dentre os quais vários ressuscitaram com ele (cf. Mt 27,52).

16a - *Sabe-se qual é o monte?*

Não é possível identificá-lo. Muitos, julgam que seja o monte do Semão da Montanha (cf. 5, 1) ou o da Transfiguração (cf. 17,1).

16b - *Mt 28,10: no dia da Ressurreição, Jesus mandou aos apóstolos uma ordem para que "partissem para a Galiléia", onde teriam um grande encontro com ele. O que levou os apóstolos a não irem logo? Por que permaneceram em Jerusalém mais oito dias (cf. Jo 20,26)?*

Indo à Galiléia, anunciariam a ressurreição de Jesus. Mas a descrença de Tomé ameaçava tornar-se uma grave dissidência na fé do povo. Seria enorme a confusão se um apóstolo negasse o que os outros dez afirmavam. Por isso, demoraram-se em Jerusalém até convencerem Tomé da verdade, antes de partirem e salvarem a união tão recomendada por Jesus (cf. Jo 17,11. 23). Nossa fé vacila se não se apóia em fundamentos de rigorosa certeza. O próprio Jesus incumbiu-se de convencer Tomé (cf. Jo 20,26-29).

16-20 - *O que teria levado Mt a omitir as aparições de Jesus aos discípulos em Jerusalém e arredores? (cf. Mc 16,9. 12.14; Lc 24,34-43)*

Mt quer dar relevo à aparição de Jesus na Galiléia porque, no seu plano de ação evangélica, a missão dos apóstolos para a conversão do mundo deve começar onde começou a missão de Jesus, na Galiléia (cf. 4,12-17).

17 - *Os onze foram sozinhos?*

Uma multidão os acompanhou: "apareceu a mais de 500 irmãos de uma só vez; a maioria deles ainda vive" (cf. 1Cor 15,6).

19 - *Percebe uma diferença geográfica entre a missão de Jesus e a que ele confia agora aos discípulos?*

A de Jesus era ir primeiro aos judeus e ainda não aos pagãos (cf. Mt 10,5-6; 15,24). Agora os continuadores de Jesus são enviados a implantar o Reino de Deus em todos os povos, sem exceção, conforme as profecias: o Messias deveria ser luz das nações pagãs (cf. Is 42,6); voltar-se-iam para Deus todos os confins da terra (cf. Is 45,22-23); a salvação chegará às extremidades da terra (cf. Is 49,6).

Por que Jesus não permanece conosco de forma visível?

a) Ele mesmo declarou: - "Convém que eu vá; porque, se eu não for, o Espírito Santo Consolador não virá a vocês; se eu for, eu o enviarei a vocês!, porque compete a ele completar a minha obra na terra (cf. Jo 16,7). Só com a luz do Espírito Santo vocês podem compreender o que lhes ensino agora (cf. Jo 16,12-13). Por ser o Espírito da Verdade, ele é que deve conduzir vocês à verdade total. Ele não virá trazer novidade, mas só fará entender o que ensinei (cf. Jo 14,26). Antes de Pentecostes, vocês não teriam condições de compreender certas verdades da fé (cf. Jo 16,13-14). Na minha ausência visível e na vinda dele, a Igreja chegará à maturidade, como a criança que se torna adulta quando assume a responsabilidade de sua vida, sem dependência dos pais.

b) Pelo fato de Jesus não estar no nosso meio como chefe, mas sim dentro de nós através do Espírito Santo, dá-nos especial missão: de tomamo-nos outros cristos e seu prolongamento no mundo. Assim, não se diz bem que ele se torna

invisível, mas que seu Corpo tem nova forma de ser: ele está no seu Corpo Místico, que somos nós, batizados, incumbidos de o revelar. Nem se diz bem que ele voltará, mas que no fim dos tempos dar-se-á a sua manifestação gloriosa em nós!

Por que Jesus ressuscitado (cf. At 10,40-41) não apareceu a todo o povo? Os sacerdotes, os anciãos que o condenaram teriam caído de joelhos, convertidos.

Engano. Os inimigos não estavam dispostos a crer; teriam atribuído o fato à arte diabólica, como em Lc 16,31, e se teriam cegado irremediavelmente. Foi por isso que Jesus não desceu da cruz (cf. Mc 15,32). Mais. O espetacular teria contrariado o caráter de Jesus, como quando resistiu à tentação de se lançar do pináculo do Templo (cf. Mt 4,5-7). Ele não força a crer; veio pelos caminhos do coração e não de golpes teatrais. A sua vitória sobre a morte não era uma desforra para esmagar os inimigos. A Ressurreição então seria um gesto destacado do restante do Evangelho. Jesus não é um homem divinizado, mas um Deus humanizado! A Ressurreição é o coroamento da Encarnação.

Jo 21,14: "Esta foi a 3ª vez que Jesus apareceu aos discípulos depois de ressuscitado dos mortos ". Como a 3ª vez, se só no dia da Ressurreição ele apareceu a Pedro (cf. Lc 24,34), aos dois discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35), aos apóstolos (cf. Lc 24,36-43; Jo 20,19-23), mais a Maria Madalena (cf. Mc 16,9; Jo 20,11-18) e a um grupo de mulheres (cf. Mt 28,8-10)?

João não considera as aparições a mulheres por não serem testemunhas qualificadas, nem as aparições a pessoas isoladas, mas só as aparições aos discípulos agrupados, testemunhas oficiais da Ressurreição.

Aparições de Jesus ressuscitado

a) No domingo da Ressurreição, em Jerusalém:

1) A mãe de Jesus não foi ao túmulo com as outras mulheres. Esta ausência é forte indício de que o Filho a premiou aparecendo em primeiro lugar àquela que esteve mais unida a Ele na vida e no sacrifício do Calvário.

2) A Maria Madalena - Jo 20,11-18.

3) Às outras mulheres que foram ao sepulcro - Mt 28,8-10.

4) A Pedro - Lc 24,33-34; 1Cor 15,5.

5) Aos dois discípulos de Emaús - Lc 24,13-35.

6) Aos apóstolos menos Tomé - Jo 20,19-20.

b) Outros dias

7) No domingo seguinte, ainda em Jerusalém - aos apóstolos com Tomé - Jo 20,24-29.

8) A vários apóstolos na Galiléia - Jo 21, 1-14.

9) A 11 apóstolos na Galiléia - Mt 28,16-20.

10) A mais de 500 pessoas na Galiléia - 1Cor 15,6.

11) A Tiago Menor, 1º bispo de Jerusalém - 1Cor 15,7.

12) Na Ascensão, perto de Betânia - Lc 24,50-51 (cf. Mc 16,9; At 1,9).

13) A Paulo - 1Cor 15,8; At 9,1-18; 22,6-21.

A Ressurreição tornou-se o eixo da pregação apostólica. É o maior acontecimento da história humana. Basta conferir os quatro evangelistas perfeitamente unânimes em descrevê-la; o 1º semão de Pedro (cf. At 2,14-32); o 2º semão de Pedro (cf. At 3,12-15); ainda At 4,8-10 etc., e a profissão de fé de Paulo (cf. 1Cor 15,3-4). Sem a Ressurreição de Jesus, os apóstolos não teriam o que pregar, porque ela confirma tudo o que o Mestre ensinou e fez.

Lições de vida

17 - A Ressurreição de Jesus foi aceita pelos apóstolos, não levados por um entusiasmo fácil ou por sentimentalismo, mas com base em provas inequívocas da experiência pessoal.

Na barca, tinham-se já prostrado diante de Jesus (cf. 14,33), confessando: "Verdadeiramente o senhor é Filho de Deus" e reconhecendo-o senhor dos elementos da natureza. Agora o adoram como vencedor da morte, portanto Deus!

18 - Enganaram-se os chefes judeus que julgavam ter destruído Jesus quando se deixou crucificar. Ele está revestido de todo o poder no céu e na terra!

19 - "Fazer discípulos e batizar". Só a fé pessoal (crer tornando-se discípulo) não basta; é preciso que o batismo me integre numa comunidade que vive e celebra a fé. Só os dois juntos possibilitam ao discípulo completar-se na missão.

Os apóstolos recebem o poder de ensinar o que Jesus ensinou ("o que eu lhes mandei") e não as próprias opiniões. O ensinamento das autoridades eclesásticas deve ser recebido com amor, porque é a continuação da obra de Jesus. Invocar o nome de alguém sobre outra pessoa é declarar a pertença desta àquela.

O batismo nos liga à pessoa de Cristo Ressuscitado como o ramo no tronco da videira: Jesus se prolonga em nós! "Em nome do Pai" me confere a filiação divina; "do Filho" me torna irmão de Jesus e de todos os homens; "e do Espírito Santo" me toma templo da Trindade. O batismo é profissão de fé na SSma. Trindade.

20 - Nem a fé nem o batismo bastam para a salvação; são necessárias as obras que dão vida à fé e ao batismo: "Ensinem a praticar tudo o que ordenei a vocês". É grave existir alguém que não conhece Cristo porque eu não lho dei a conhecer. O objetivo da religião não é salvar o homem, mas ensinar-nos a viver Jesus Cristo, o único que salva.

A promessa de Jesus ficar conosco numa presença invisível mas eficaz é o cumprimento da grande profecia: "A Virgem conceberá e dará a luz um Filho, cujo nome será EMANUEL, que se traduz DEUS está CONOSCO" (cf. Mt 1,23; Is 7,14)! A promessa de perene assistência à Igreja confere-lhe a indefectibilidade na fé.

Todos os fundadores de religiões e movimentos sociais estão nos cemitérios até o fim do mundo. Ligam-se a seus adeptos pelas suas idéias e não pessoalmente. Só Jesus não está na sepultura e se liga a nós por sua presença pessoal, viva e ativa, através do Espírito Santo (cf. Mt 18,20; Jo 14,23; Gl 2,20). Uma diferença essencial.

Nós não propagamos só as idéias de Jesus, mas o levamos ao coração dos outros: "Evangelizar é ter Cristo no coração e levá-lo ao coração dos outros" (Tereza de Calcutá). "A chave, o centro e o fim de toda a história humana (e de cada pessoa) se encontram em nosso Senhor e Mestre" (cf. GS 10§b). Só prega bem Jesus quem o possui. Cessou a visibilidade de Jesus; não sua presença e ação.

Oração

Senhor, peço encarecidamente o ardor missionário, como o dos apóstolos. Quero que, por meu intermédio, o senhor se torne conhecido e amado pelos outros. Que eles descubram que o senhor é o único líder que está vivo depois de ter morrido por mim e ressuscitado por virtude própria (cf. Jo 10,17-18). Mais do que por palavras, que os outros vejam que sou um cristão apaixonado pelo Mestre e Senhor que nos garantiu: "Eu estarei com vocês, não às vezes, mas todos os dias até o fim do mundo!" Obrigado, Senhor!